

A-148

OS

LUSIADAS.







Michon Scul

OS
LUSIADAS,
POEMA EPICO
DE LUIS DE CAMÕES.

NOVA EDIÇÃO

CONFORME Á DE 1572 PUBLICADA PELO AUTOR.

TOMO I.



RIO DE JANEIRO,

Vende-se em casa de P. C. DALBIN e C^o.



1821.

T. NORTON.



BREVE NOTICIA

DA VIDA

DE LUIS DE CAMÕES.

O mais antigo ascendente de Luis de Camões, de que se acha noticia nas Historias, he Vasco Pires de Camões, que em tempo d'El-Rei Dom Henrique de Castella, chamado o Bastardo, passou de Galliza a Portugal. De quem fosse filho este Vasco Pires de Camões não consta ao certo: he porém indubitavel, que foi casado neste Reino com huma filha de Gonçalo Tenreiro, general das armadas de Portugal, o qual teve tambem o titulo de Mestre da Ordem de Christo. Deste matrimonio nascérão Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões, e D. Constança Pires de Camões. De D. Constança, e de Gonçalo Vaz de Camões, houve

descendencia illustre, e que se tratou sempre com grande luzimento, da qual nos não he necessario por ora tratar. O segundo filho, que foi João Vaz de Camões, vas-sallo d'ElRei D. Afonso V, titulo muito distincto e honorifico por aquelles tempos, foi de notavel valor nas guerras de África, e contra Castella, e de extremada prudencia na paz. Teve seu domicilio em Coimbra, em cuja Sé tem tambem magnifica, e sumptuosa sepultura, de que alguns inferirão erradamente ser o nosso Poeta natural daquella cidade. Casou João Vaz de Camões com Ignez Gomes da Sylva, filha bastarda de Jorge da Sylva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Sylva, e neto de Diogo Gomes da Sylva, irmão de João Gomes da Sylva Alferes mór d'ElRei Dom João I, e senhor de muitas terras. Teve della a Antão Vaz de Camões, que casou com Guimar Vaz da Gama (dos Gama's de Algarve, que trazem sua origem dos do Alemtejo), da qual houve a Simão Vaz de Camões, que

casou com Anna de Macedo, da villa de Santarem. Estes dous ultimos, assistentes em Lisboa, no bairro da Mouraria, Freguezia naquelle tempo de S. Sebastião, forão os progenitores de Luis de Camões, que nasceo na mesma cidade, no anno de 1524.

Educado Luis de Camões até á idade de doze ou treze annos, passou á Universidade, que já naquelle tempo, por ordem d'ElRei Dom João III, se havia mudado segunda vez de Lisboa para Coimbra. Forão notaveis os progressos que alli fez nas artes, e nas sciencias, com a direcção daquelles homens insignes, que o mesmo Rei chamára de fóra do reino, para instruirem a mocidade.

Acabados os estudos, e restituído a Lisboa, como he provavel se entregasse ao ocio, entrou logo a experimentar os damnos que d'elle resultão, particularmente na idade juvenil. Affeiçoou-se a certa Dama; e esta affeição deo causa a que o desterrassem da Corte.

Voltando a Lisboa, e tornando a reincidir na mesma culpa amorosa, houve segundo desterro. Manoel de Faria he de opinião, que não foi segundo; mas que elle mesmo, vendo-se impossibilitado para vir á Corte, fizera o primeiro mais dilatado, tomando a resolução de ir servir a Ceuta. Nesta Praça militou, e assistio por algum tempo. Pelejando valerosamente aqui mesmo, em hum combate naval, perdeu o olho direito.

Depois de haver militado em Ceuta por algum tempo, veio a Lisboa, persuadindo-se conseguiria algum premio por aquelles serviços militares; mas perdendo totalmente as esperanças do que pertendia, tomou a resolução de passar á India. Era o seu projecto embarcar no anno de 1550, com o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha; porém tendo desvio aquella resolução, veio a fazer viagem no anno de 1553. Embarcou Luis de Camões na mesma Náo em que hia Fernando Alvres Cabral, e das quatro que este Commandante governava, esta foi a unica

que naquelle anno chegou á India. Desembarcando em Goa no mez de Setembro, e achando que o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha, que então o era daquelle Estado, estava de partida com huma grossa armada contra o Rei da Pimenta, inimigo do de Cochim, e Porcá, amigos nossos, se embarcou, por servir naquella occasião, da qual sahimos com victoria.

Continuando no exercicio das armas, passou no anno de 1555 ao Estreito de Meca, em outra armada, de que foi Capitão mór Manoel de Vasconcellos. Ahi se demorou por algum tempo, supportando incommodidades gravissimas.

Era Luis de Camões acerrimo censor dos vicios; e vendo que alguns que servião officios publicos se desmandavão, escreveu huma satyra, na qual fortemente os reprehendia. Tambem compoz, depois desta, outra contra alguns Grandes da cidade, que havião festejado a entrada do Governador Francisco Barreto com hum jogo de can-

nas. Estas forão as acções mais reprehensíveis que se encontrão na vida do nosso poeta, visto que nenhum homem ingenuo, e prudente, deve romper em taes desatinos.

Estimulado Francisco Barreto, talvez por queixas dos offendidos, que costumão fazer as culpas ainda mais aggravantes, fez prender a Luis de Camões, e o degradou para a China. Aqui servio o officio de Provedor dos defuntos, e ausentes, na cidade de Macáo, de pouco tempo fundada pelos Portuguezes. Tendo porém noticia de haver entrado no Governo da India o Viso-Rei D. Constantino de Bragança, se resolveo a voltar a Goa. Nesta viagem padeceo hum naufragio; e sahindo nú nas praias do Rio Mecom, sómente pôde salvar o seu poema, como Cesar, em semelhante acontecimento, os seus Commentarios.

No anno de 1561 chegou finalmente a Goa, onde recebeo particulares mercês do Viso-Rei D. Constantino de Bragança, e não menos do successor no Governo, o

Conde de Redondo Dom Francisco Coutinho. Não forão com tudo tão poderosos estes favores, que chegassem a tirar Luis de Camões da prisão em que o havião metido; dizem huns que por algumas travessuras, outros que por falsas accusações de cousas, que dizião respeito ao officio que o Poeta havia servido em Macáo.

Estando nesta prisão, e já ao tempo de sahir della, o embargou Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, por algum dinheiro que lhe havia emprestado. Neste aperto recorreo ao Conde Viso-Rei, que estando de partida com huma lustrosa armada, para celebrar pazes com o Samorim, deixou ordem para que fosse solto.

Achando-se Luis de Camões em huma tão triste situação, cercado de trabalhos, e em summa pobreza; e vendo que lhe não aproveitava diligencia alguma, para sahir de tão extremas miserias, se lhe offereceo Pedro Barreto para o levar comsigo a Sofala, onde passava com o posto de Capitão.

Seguiu o Poeta a Pedro Barreto, mas chegando a Sofala experimentou nelle hum tratamento tal, que aportando alli humas Náos da India, que vinhão para o Reino, se resolveo a embarcar nellas: embargava-o Pedro Barreto (como já Miguel Rodriguez Fios Seccos) dizendo lhe devia duzentos cruzados, que com elle havia despendido; mas a esta dívida acudirão promptamente alguns cavalheiros, que para o Reino vinhão nas mesmas Náos, e a pagárão de boa vontade, só pelo interesse de trazerem na sua companhia a Luis de Camões. Forão estes Heitor da Sylveira, Antonio Cabral, Luis da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, e outros. Regastado assim Luis de Camões, voltou na companhia daquelles cavalheiros para a patria. No anno de 1569 chegou a Lisboa, que achou ardendo em hum horrivel contagio. Aqui em lugar do premio que merecia pelas suas gloriosas fadigas litterarias, e marciaes, entrou a experimentar novas, e talvez mais fortes adver-

sidades, chegando a tanta miseria, que hum escravo seu chamado Antonio, pedia de noite de porta em porta para o sustentar.

Desta sorte acabou hum homem, cuja memoria será eterna. Morreo em Lisboa no anno de 1579, com 55 de idade, por haver nascido no de 1524. Deo-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta da Igreja do Convento de Santa Anna de Religiosas Franciscanas. Poucos annos depois, que foi no de 1595, D. Gonçalo Coutinho lhe deo nova sepultura, no meio da Igreja, e lhe fez gravar na campa esta Inscricção:

AQVI IAZ LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE

DOS POETAS DE SEU TEMPO:
VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE,
E ASSI MORREO.

ANNO DE M. D. LXXIX.

Foi Luis de Camões nobilissimo por ascendencia, Poeta clarissimo, valeroso Sol-

dado, e de costumes correspondentes ás suas qualidades. Foi de mediana estatura, e bem formado; olhos grandes, nariz no meio levantado, boca grossa, e cabello tirante a açafreado. Em tudo lhe faltou a fortuna, senão na perpetuidade do nome, que ha de competir com a duração dos seculos.

OS LUSIADAS.

ARGUMENTOS.

CANTO I.

Navegão os Portuguezes pelos mares Orientaes : fazem os Deoses seu concilio : oppoem-se Baccho a esta navegação : favorecem Venus, e Marte aos navegantes : chegam a Moçambique, cujo Governador pertende destruilos. Encontro, è primeira acção militar dos nossos contra os Gentios: levão ferro, e passando por Qui-loa, surgem em Mombaça.

CANTO II.

Instigado do demonio pertende ElRei de Mombaça destruir os navegantes : dispoem-lhes traições debaixo de fingida amizade : apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes : elle lhe promette favorecelos, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente : em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Monbaça : levão ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda benignamente.

CANTO III.

Pratica de Vasco da Gama com ElRei de Melinde, em que lhe faz a descripção da Europa; dá-lhe contados principios do reino de Portugal, de seus Reis (até ElRei D. Fernando), e das suas acções principaes: feito notavel de Egas Moniz: vem a Portugal a rainha de Castella D. Maria, a pedir soccorro para a batalha do Salado: amores, e caso desastrado de D. Ignez de Castro: alguns successos del Rei D. Fernando.

CANTO IV.

Continua o Gama a pratica com ElRei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successão do reino, por morte d'ElRei D. Fernando: façanhas militares do condestavel D. Nuno Alvares Pereira: batalha, e victoria de Aljubarrota: diligencias que se fizerão para descobrir a India por mar, em tempo d'ElRei D. João o II: como ElRei D. Manoel conseguiu esse fim, determinando esta viagem: prevenções para ella: embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

CANTO V.

Prosegue Vasco da Gama na relação da sua viagem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de Lisboa; as diversas terras que tocárão, e gentes que virão até ao Cabo de Boa Esperança: caso de Fernão Velloso: fabula do gigante Adamastor: continuacão da viagem até Melinde, em que dá fim a pratica, estabelecida

a paz, e huma verdadeira amizade entre o Gama, e aquelle Rei.

CANTO VI.

Sahe Vasco da Gama de Melinde, e em quanto navega prosperamente, desce Baccho ao mar: descripção do Palacio de Neptuno: convoca o mesmo Baccho os Deoses maritimos, e lhes persuade destruição aos navegantes: em quanto isto se passa, refere Veloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra: levanta-se horrorosa tormenta: he aplacada por Venus, e pelas Nymphas: com bonança chegam finalmente a Calecut, ultimo, e desejado termo desta navegação.

CANTO VII.

Por occasião deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel e poetica exhortação aos Principes Christãos, acordando-lhes semelhantes emprezas: descripção do Reino do Malabar, em que jaz o Imperio de Calecut, em cujo porto a Armada dá fundo: recebe o Imperador, ou Samorim ao Gama com honradas demonstrações: apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos natuaes da terra: vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

CANTO VIII.

Vê o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaração que dellas

Ihe faz Paulo da Gama; origem do nome Lusitania; feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até ElRei D. Afonso V; manda o Samorim aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada; elles o informão contra os navegantes; pretendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

CANTO IX.

Livre já das traições, e perigos que o ameaçavão, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental; encaminha-o Venus a huma ilha deliciosa; descripção da mesma ilha; desembarque dos navegantes; festivas demonstrações com que alli são recebidos, das Nereidas os soldados, e de Tethys o Gama.

CANTO X.

Convite de Tethys aos navegantes; canção prophetica da Sirena, em que toca as principaes facanhas, e conquistas dos Viso-Reis, dos Governadores, e Capitães Portuguezes na India, até D. João de Castro; sobe Tethys com o Gama a hum monte, desde o qual Ihe mostra a Esphera celeste, e terrestre; descripção do Orbe, especialmente da Asia, e Africa; sahem da ilha os navegantes, e seguindo a sua viagem chegam felizmente a Lisboa.

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passarão ainda além da Taprobana;
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificarão
Novo reino, que tanto sublimarão:

II.

E também as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fé o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andarão devastando:
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
 As navegações grandes que fizerão ;
 Calle-se de Alexandro , e de Trajano,
 A fama das victorias que tiverão :
 Que eu canto o peito illustre Lusitano ,
 A quem Neptuno, e Marte obedecerão :
 Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
 Tendes em mi hum novo engenho ardente ;
 Se sempre em verso humilde celebrado
 Foi de mi vosso rio alegremente ;
 Dai-me agora hum som alto, e sublimado ;
 Hum estylo grandiloquo, e corrente ;
 Porque de vossas aguas Phebo ordene
 Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me huma furia grande, e sonora,
 E não de agreste avena, ou frauta ruda ;
 Mas de tuba canora, e bellicosa,
 Que o peito accende, e a cor ao gesto muda :
 Dai-me igual canto aos feitos da famosa
 Gente vossa, que a Marte tanto ajuda ;
 Que se espalhe, e se cante no universo ;
 Se tão sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade :
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade ;
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande :

VII.

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada :
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada ;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou :

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro ;
Vê-o tambem no meio do hemispherio ;
E quando desce o deixa derradeiro :
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio
Que inda bebe o licor do sancto rio.

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade
 Que nesse tenro gesto vos contemplo ;
 Que já se mostra qual na inteira idade,
 Quando subindo ireis ao eterno templo.
 Os olhos da Real benignidade
 Ponde no chão : vereis hum novo exemplo
 De amor dos patrios feitos valerosos,
 Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria, não movido
 De premio vil ; mas alto, e quasi eterno :
 Que não he premio vil ser conhecido
 Por hum pregão do ninho meu paterno.
 Ouvi ; vereis o nome engrandecido
 Daquelles de quem sois senhor superno :
 E julgareis qual he mais excellente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi ; que não vereis com vãs façanhas,
 Phantasticas, fingidas, mentirosas,
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecer-se desejosas :
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas, fabulosas ;
 Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
 E Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobião.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co' a grande, e prospera victoria;
Outro Joanne invicto cavalleiro;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos reinos lá da Aurora
Se fizerão por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo; e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte;
E outros em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vos não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as redeas vós do reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o pezo grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos, e feitos singulares,
 De Africa as terras, do Oriente os mares.

XVI.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,
 Em quem vê seu exicio affigurado:
 Só com vos ver o barbaro Gentio
 Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
 Tethys todo o ceruleo senhorio
 Tem para vos por dote aparelhado;
 Que afeiçãoada ao gesto bello, e tenro,
 Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vos se vem da Olympica morada,
 Dos dous Avós as almas cá famosas;
 Huma na paz angelica dourada,
 Outra pelas batalhas sanguinosas:
 Em vos esperão ver-se renovada
 Sua memoria, e obras valerosas:
 E lá vos tem lugar no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejão,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam :
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas ; porque vejão
Que são vistos de vos no mar irado :
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando ;
Os ventos brandamente respiravão,
Das náos as velas concavas inchando :
Da branca escuma os mares se mostravão
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympto luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntão em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente :
Pizando o crystallino ceo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixão dos sete ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado ;
 Alto poder, que só co' o pensamento
 Governa o ceo, a terra, e o mar irado :
 Alli se achárão juntos n'hum momento
 Os que habitão o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N'hum assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo, e soberano :
 Do rosto respirava hum ar divino,
 Que divino tornára hum corpo humano ;
 Com huma coroa, e sceptro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros deoses todos assentados,
 Como a razão, e a ordem concertavão :
 Precedem os antigos mais honrados ;
 Mais abaixo os menores se assentavão :
 Quando Jupiter alto assi dizendo,
 C'hum tom de voz começa grave, e horrendo.

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo , e claro assento ;
Se do grande valor da forte gente ,
Do Luso , não perdeis o pensamento ,
Deveis de ter sabido , claramente ,
Como he dos fados grandes certo intento ,
Que por ella se esqueção os humanos
De Assyrios , Persas , Gregos , e Romanos.

XXV.

Já lhe foi , bem o vistes , concedido
C'hum poder tão singelo , e tão pequeno ,
Tomar ao Mouro forte , e guarnecido ,
Toda a terra que rega o Tejo ameno :
Pois contra o Castelhana tão temido ,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno :
Assi que sempre em fim , com fama e gloria ,
Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo , deoses , atraz a fama antiga ,
Que co' a gente de Romulo alcançárão ,
Quando com Viriato , na inimiga
Guerra Romana tanto se affamárão :
Tambem deixo a memoria , que os obriga
A grande nome , quando alevantárão
Hum por seu capitão , que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vedes bem , que commettendo
 O duvidoso mar n'hum lenho leve ,
 Por vias nunca usadas , não temendo
 De Africo, e Noto a força, a mais se atreve :
 Que havendo tanto já que as partes vendo ,
 Onde o dia he comprido, e onde breve ,
 Inclinam seu proposito , e porfia ,
 A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno ,
 Cujá alta lei não pode ser quebrada ,
 Que tenham longos tempos o governo
 Do mar , que vê do Sol a roxa entrada.
 Nas aguas tem passado o duro inverno ;
 A gente vem perdida, e trabalhada ;
 Já parece bem feito , que lhe seja
 Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
 Na viagem tão asperos perigos,
 Tantos climas, e ceos experimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos ;
 Que sejam , determino , agasalhados
 Nesta costa Africana, como amigos ;
 E tendo guarneçada a lassa frota ,
 Começarão a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia,
 Quando os deoses por ordem respondendo,
 Na sentença hum do outro differia,
 Razões diversas dando, e recebendo.
 O padre Baccho alli não consentia
 No que Jupiter disse, conhecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
 Huma gente fortissima de Hespanha
 Pelo mar alto, qual sujeitaria
 Da India tudo quanto Doris banha :
 E com novas victorias venceria
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe doe perder a gloria
 De que Nysa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que já teve o Indo subjogado,
 E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado,
 De quantos bebem a agua de Parnaso :
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão celebre nome em negro vaso
 Da agua do esquecimento se lá chegão
 Os fortes Portuguezes que navegão.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
 Afeiçãoada á gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella
 Da antigua tão amada sua Romana:
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostrarão na terra Tingitana;
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que he a Latina.

XXXIV.

Estas causas movião Cytherea;
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que ha de ser celebrada a clara dea,
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que, hum pela infamia que arrecea,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem;
 A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
 De silvestre arvoredado abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura,
 Com impeto, e braveza desmedida;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as fôlhas, ferve a serra erguida:
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deoses no Olympto consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todos as partes em porfia ;
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia ;
 De entre os deoses em pé se levantava :
 Merencorio no gesto parecia ;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para traz, medonho , e irado.

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando hum pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer se poz diante
 De Jupiter, armado, forte, e duro :
 E dando huma pancada penetrante,
 Co' o conto do bastão no solio puro :
 O ceo tremeo ; e Apollo de torvado,
 Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi : O Padre, a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que creaste ;
 Se esta gente, que busca outro hemispherio
 Cuja valia, e obediencia tanto amaste,
 Não queres que padeção vituperio,
 Como ha já tanto tempo que ordenaste ;
 Não ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão privado:
 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque em fim vem de estomago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tens tomada,
 Não tornes por detraz; pois he fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mavorte valeroso;
 E nectar sobre todos espargio.
 Pelo caminho Lacteo glorioso
 Logo cada hum dos deoses se partio,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
Já lá da banda do Austro, e do Oriente ;
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São-Lourenço ; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Tão brandamente os ventos os levavão,
Como quem o Ceo tinha por amigo :
Serenos o ar, e os tempos se mostravão
Sem nuvens, sem receio de perigo :
O promontorio Prasso já passavão,
Na costa de Ethiopia, nome antigo ;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece ;
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece ;
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece :
Por diante passar determinava ;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia
 Huns pequenos bateis, que vem daquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vela :
 A gente se alvoroça ; e de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente será esta, em si dizião,
 Que costumes, que lei, que rei terião ?

XLVI.

As embarcações erão, na maneira
 Mui veloces, estreitas, compridas ;
 As velas com que vem erão de esteira,
 D' humas folhas de palma bem tecidas :
 A gente da cor era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras accendidas,
 Ao mundo deo, de ousado, e não prudente :
 O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinhão vestidos,
 De varias cores brancos, e listrados :
 Huns trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados :
 Da cinta para cima vem despídos ;
 Por armas tem adagas, e terçados ;
 Com toucas na cabeça ; e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co'os pannos, e co'os braços acenavão
A's gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavão
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente, e marinheiros trabalhavão,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomão velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX.

Não erão ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitão,
Os de Phaeton queimados nada engeitão.

L.

Comendo alegremente perguntavão,
Pela Arabica lingua, donde vinhão;
Quem erão; de que terra; que buscavão;
Ou que partes do mar corrido tinhão.
Os fortes Lusitanos lhe tornavão
As discretas respostas que convinhão:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido , e navegado
 Toda a parte do Antartico , e Callisto ;
 Toda a costa Africana rodeado ;
 Diversos ceos , e terras temos visto :
 D' hum Rei potente somos , tão amado ,
 Tão querido de todos , e bemquisto ,
 Que não no largo mar , com leda fronte ,
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu , buscando andamos
 A terra Oriental , que o Indo rega :
 Por elle , o mar remoto navegamos ,
 Que só dos feos phocas se navega.
 Mas já razão parece que saibamos ,
 Se entre vós a verdade não se nega ,
 Quem sois ; que terra he esta que habitais ;
 Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII.

Somos , hum dos das ilhas lhe tornou ,
 Estrangeiros na terra , lei , e nação ;
 Que os proprios , são aquelles que criou
 A natura sem lei , e sem razão.
 Nós temos a lei certa que ensinou
 O claro descendente de Abrahão ;
 Que agora tem do mundo o senhorio ;
 A mãe Hebreá teve , e o pai Gentio.

LIV.

Esta ilha pequena , que habitamos ,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos ,
De Quiloa , de Mombaça , e de Sofala :
E por ser necessaria , procuramos ,
Como proprios da terra , de habitala :
E porque tudo em fim vos notifique ,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

LV.

E já que de tão longe navegais ,
Buscando o Indo Hydaspe , e terra ardente ,
Piloto aqui tereis , por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente :
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum frescosco ; e que o Regente
Que esta terra governa , que vos veja ,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo , o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia :
Do Capitão , e gente se apartou ,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou ,
Co' o carro de crystal , o claro dia ;
Dando cargo á irmãa que allumiasse
O largo mundo , em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria, e não cuidada,
 Por acharem da terra tão remota,
 Nova de tanto tempo desejada.
 Qualquer então comsigo cuida, e nota
 Na gente, e na maneira desusada;
 E como os que na errada seita crêrão,
 Tanto por todo o mundo se estendêrão.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavão
 Pelas argenteas ondas Neptuninas;
 As estrellas os ceos acompanhavão,
 Qual campo revestido de boninas:
 Os furiosos ventos repousavão
 Pelas covas escuras peregrinas.
 Porem da armada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
 Os formosos cabellos espalhou,
 No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio que acordou;
 Começa a embandeirar-se toda a armada,
 E de toldos alegres se adornou,
 Por receber com festas, e alegria,
 O Regedor das ilhas que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as náos ligeiras Lusitanas,
Com fresco da terra, em si cuidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vierão; e por ordem do destino,
O imperio tomárão a Costantino.

LXI.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe;
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o traço, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinhão de Turquia.

LXIII.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
 Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
 Para ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê.
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao Capitão pedia que lhe dê
 Mostra das fortes armas de que usavão,
 Quando co' os inimigos pelejavão.

LXIV.

Respondeo o valeroso Capitão,
 Por hum que a lingua escura bem sabia:
 Dar-te-hei, senhor illustre, relação
 De mi, da lei, das armas que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia:
 Mas sou da forte Europa bellicosa;
 Busco as terras da India tão famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil, e invisibil;
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil:
 Que padeceo deshonra, e vituperio,
 Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
 E que do ceo á terra em fim desceo,
 Por subir os mortaes da terra ao ceo,

LXVI.

Deste DEOS-HOMEM, alto, e infinito,
 Os livros que tu pedes não trazia;
 Que bem posso escusar trazer escrito
 Em papel, o que na alma andar devia.
 Se as armas queres ver, como tens dito,
 Cumprido esse desejo te seria:
 Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros amostrar as armaduras:
 Vem arnezes, e peitos reluzentes,
 Malhas finas, e laminas seguras,
 Escudos de pinturas diferentes,
 Pelouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, e sagittiferas aljavas,
 Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
 As panellas sulphureas, tão damnosas:
 Porem aos de Vulcano não consente
 Que dem fogo ás bombardas temerosas:
 Porque o generoso animo, e valente,
 Entre gentes tão poucas, e medrosas,
 Não mostra quanto pode: e com razão;
 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o que vio, com olho attento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Huma vontade má de pensamento:
 Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
 Mas com risonho, e ledo fingimento,
 Tratalos brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse á India ser levado;
 Diz-lhe, que o largo premio levarão
 Do trabalho que nisso for tomado.
 Promette-lhos o Mouro, com tenção
 De peito venenoso, e tão damnado,
 Que a morte, se podesse, neste dia,
 Em lugar de pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Que aos estrangeiros subito tomou,
 Sabendo ser sequaces da verdade,
 Que o filho de David nos ensinou.
 Oh segredos daquella eternidade,
 A quem juizo algum não alcançou!
 Que nunca falte hum perfido inimigo
 A'quelles de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
 Das náos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa, e grande cortezia,
 Com gesto ledó a todos, e fingido.
 Cortárão os bateis a curta via
 Das aguas de Neptuno; e recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
 Que da paternal coxa foi nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano
 Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
 No pensamento cuida hum falso engano,
 Com que seja de todo destruido:
 E em quanto isto só na alma imaginava,
 Comsigo estas palavras practicava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
 Que tamanhas victorias, tão famosas,
 Hajão os Portuguezes alcançado
 Das Indianas gentes bellicosas;
 E eu só filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de soffrer que o fado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizerão os deoses que tivesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder, que tudo submettesse
 Debaixo de seu jugo o fero Marte.
 Mas ha-se de soffrer que o fado dêsse
 A tão poucos tamanho esforço, e arte,
 Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Não será assi; porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu descerei á terra; e o indignado
 Peito revolverei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita,
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
 Sobre a terra Africana descendeo,
 Onde vestindo a forma, e gesto humano,
 Para o Prasso sábio se moveo:
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteo
 D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, co' o Xequé mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas
A' sua falsidade accomodadas,
Lhe diz, como erão gentes roubadoras,
Estas que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por estes homens que passavão,
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nos; e que todos seus intentos
São para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus accompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu debes de ir tambem co'os teus armado,
Esperalo em cilada, occulto e quedo;
Porque sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda não ficarem deste geito
 Destruídos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginada no conceito
 Outra manha, e ardil, que te contente :
 Manda-lhe dar piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, e tão prudente,
 Que os leve aonde sejam destruídos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou,
 O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho :
 E logo nesse instante concertou
 Para a guerra o belligero apparelho ;
 Para que ao Portuguez se lhe tornasse
 Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais, para o cuidado engano,
 Mouro que por piloto á náó lhe mande,
 Sagaz, astuto, e sabio em todo dano,
 De quem fiar-se possa hum feito grande :
 Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
 Por taes costas, e mares co' elle ande,
 Que se daqui escapar, que lá diante
 Vá cahir onde nunca se alevante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando Gama co' os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido :
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido :
Mas pode suspeitar-se facilmente ;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario :
E foi-lhe respondido em som de guerra ;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia,
Em tres bateis sómente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros que andavão pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo abraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Esperão que a guerreira gente saia ;
Outros muitos já postos em cilada ;
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andão pela ribeira alva, arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenando,
 Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
 Os fortes Portuguezes incitando.
 Não soffre muito a gente generosa
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
 Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
 Vendo a formosa dama desejada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena, e brada :
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, e mata e poem por terra :

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
 Na furiosa, e dura artilheria ;
 A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia :
 O coração dos Mouros se quebranta ;
 O temor grande o sangue lhe resfria :
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

X C.

Não se contenta a gente Portugueza :
Mas seguindo a victoria estrue , e mata
A povoação sem muro , e sem defeza ,
Esbombardea , accende , e desbarata .
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza ,
Que bem cuidou comprala mais barata :
Já blasphema da guerra , e maldizia ,
O velho inerte , e a mãe que o filho cria .

X C I.

Fugindo , a setta o Mouro vai tirando
Sem força , de covarde , e de apressado ,
A pedra , o páo , e o canto arremeçando ;
Da-lhe armas o furor desatinado :
Já a ilha , e todo o mais desamparando ,
A' terra firme foge amedrontado :
Passa , e corta do mar o estreito braço ,
Que a ilha em torno cerca , em pouco espaço .

X C II.

Huns vão nas almadias carregadas ;
Hum corta o mar a nado diligente ;
Quem se affoga nas ondas encurvadas ;
Quem bebe o mar , e o deita juntamente .
Arrombão as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente :
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia , perfida , inimiga .

XCIII.

Tornão victoriosos para a armada,
 Co' o despojo da guerra, e rica presa;
 E vão a seu prazer fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defeza.
 Ficava a Maura gente magoada,
 No odio antiguo mais que nunca accessa:
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido,
 O Regedor daquella iniqua terra;
 Sem ser dos Lusitanos entendido,
 Que em figura de paz lhe manda guerra:
 Porque o piloto falso promettido,
 Que toda a má tenção no peito encerra,
 Para os guiar á morte lhe mandava,
 Como em signal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitão, que já lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, e ventos tinha,
 Para ir buscar o Índio desejado;
 Recebendo o piloto que lhe vinha,
 (Foi d'elle alegremente agasalhado)
 E respondendo ao mensageiro, attento
 As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada ,
As ondas de Amphitrite dividia ,
Das filhas de Nerco acompanhada ,
Fiel , alegre , e doce companhia :
O Capitão , que não cahia em nada
Do enganoso ardil que o Mouro ordia ,
Delle mui largamente se informava ,
Da India toda , e costas que passava .

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos ,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára ,
De morte , ou captiveiro novos danos ,
Antes que a India chegue , lhe prepara ;
Dando razão dos portos Indianos ,
Tambem tudo o que pede lhe declara :
Que havendo por verdade o que dizia ,
De nada a forte gente se temia .

XCVIII.

E diz-lhe mais co' o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou ,
Que perto está huma ilha , cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou .
O Capitão , que a tudo estava attento ,
Tanto com estas novas se alegrou ,
Que com dadas grandes lhe rogava ,
Que o leve á terra onde esta gente estava .

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina ,
 Que o seguro Christão lhe manda , e pede ;
 Que a ilha he possuida da malina
 Gente , que segue o torpe Mafamede :
 Aqui o engano , e morte lhe imagina ,
 Porque em poder e forças muito excede
 A' Moçambique , esta ilha que se chama
 Quiloa , mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota :
 Mas a deosa em Cythere celebrada ,
 Vendo como deixava a certa rota ,
 Por ir buscar a morte não cuidada ,
 Não consente que em terra tão remota
 Se perca a gente della tanto amada ;
 E com ventos contrarios a desvia
 Donde o piloto falso a leva , e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
 Tal determinação levar avante ,
 Outra maldade iniqua commettendo
 Ainda em seu proposito constante ,
 Lhe diz , que pois as aguas discorrendo ,
 Os levarão por força por diante ,
 Que outra ilha tem perto , cuja gente
 Erão Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia ,
Como por regimento em fim levava ;
Que aqui gente de Christo não havia ,
Mas a que a Mafamede celebrava .
O Capitão , que em tudo o Mouro cria ,
Virando as velas a ilha demandava :
Mas não querendo a deosa guardadora ,
Não entra pela barra , e surge fóra .

CIII.

Estava a ilha á terra tão chegada ,
Que hum estreito pequeno a dividia ;
Huma cidade nella situada ,
Que na frente do mar apparecia ;
De nobres edificios fabricada ,
Como por fóra ao longe descobria ;
Regida por hum Rei de antiqua idade ,
Mombaça he o nome da ilha , e da cidade .

CIV.

E sendo a ella o Capitão chegado ,
Estranhamente ledo , porque espera
De poder ver o povo baptizado ,
Como o falso piloto lhe dissera ;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei , que já sabia a gente que era :
Que Baccho muito de antes a avisára ,
Na forma d'outro Mouro que tomára .

CV.

O recado que trazem he de amigos ;
Mas debaixo o veneno vem cõberto ,
Que os pensamentos erão de inimigos ,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes , e gravissimos perigos !
Oh caminho de vida nunca certo !
Que aonde a gente poem sua esperança ,
Tenha a vida tão pouca segurança.

CVI.

No mar tanta tormenta , e tanto dano ,
Tantas vezes a morte apercebida !
Na terra tanta guerra , tanto engano ,
Tanta necessidade aborrecida !
Onde pode acolher-se hum fraco humano ,
Onde terá segura a curta vida ?
Que não se arme , e se indigne o Ceo sereno ,
Contra hum bicho da terra tão pequeno.



OS LUSIADAS.

CANTO SEGUNDO.

I.

JA' neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada, e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrando;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo
Quando as fingidas gentes se chegarão
A's náos, que pouco havia que ancorarão.

II.

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino, e salsa via;
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E porque está em extremo desejoso
 De te ver, como cousa nomeada,
 Te roga que de nada receoso,
 Entres a barra, tu com toda armada:
 E porque do caminho trabalhoso
 Trarás a gente debil, e cansada,
 Diz que na terra podes reformala,
 Que a nutureza obriga a desejala.

IV.

E se buscando vás mercadoria
 Que produz o aurifero Levante,
 Canella, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera, e prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rigido diamante;
 Daqui levarás tudo tão sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitão responde,
 As palavras do Rei agradecendo;
 E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
 Não entra pará dentro obedecendo:
 Porem que como a luz mostrar por onde
 Vá sem perigo, a frota não temendo,
 Cumprirá sem receio seu mandado,
 Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte, do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, e falsa gente.

VII.

E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder; e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejão.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das náos se despedia, e o mar cortava:
Forão com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E depois que ao Rei apresentárão
Co' o recado os presentes que trazião ,
A cidade corrérão, e notárão
Muito menos daquillo que querião ;
Que os Mouros cautelosos se guardárão
De lhe mostrarem tudo o que pedião :
Que onde reina a malicia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle , que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua , e foi nascido
De duas mãis ; que ordia a falsidade ,
Por ver o navegante destruido ;
Estava n'hum casa da cidade ,
Com rosto humano , e habito fingido ,
Mostrando-se Christão , e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Santo Espirito a pintura ,
A candida pombinha debuxada ,
Sobre a unica phenix Virgem pura ;
A companhia santa está pintada
Dos doze , tão torvados na figura ,
Como os que , só das linguas que cahirão
De fogo , varias linguas referirão.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui forão de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento
Ôs dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso, e santo fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol forão no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horizonte
Da Moça de Titão a roxa frente:

XIV.

Tornão da terra os Mouros co' o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra virão
 Sacras aras, e sacerdote santo ;
 Que alli se agasalhárão, e dormirão,
 Em quanto a luz cobrio o escuro manto ;
 E que no Rei e gentes não sentirão
 Senão contentamento, e gosto tanto,
 Que não podia certo haver suspeita
 N'huma mostra tão clara, e tão perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros que subião :
 Que levemente hum animo se fia
 De mostras que tão certas parecião.
 A náó da gente perfida se enchia,
 Deixando a bordo os barcos que trazião :
 Alegres vinhão todos, porque crem
 Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente apparelhavão
 Armas, e munições, que como vissem
 Que no rio os navios ancoravão,
 Nelles ousadamente se subissem :
 E nesta traição determinavão,
 Que os de Luso de todo destruíssem ;
 E que incautos pagassem, deste geito,
 O mal que em Moçambique tinhão feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando,
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinão para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como hum setta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma;
Doto co' o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremeça
Por cima da agua crespa, em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Via a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo, com carga tão formosa:
Já chegão perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa;
Repartem-se, e rodeão nesse instante
As náos ligeiras que hião por diante.

XXII.

Poem-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náó forçando;
Outros em derredor levando-a estavão,
E da barra inimiga a desviavão.

XXIII.

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitão de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostrão vigor nunca esperado:
Taes andavão as nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a náó forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Mareão velas; ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náó lhe mette medo.

XXV.

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidão que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI.

Eilos subitamente se lançavão
A seus bateis veloces que trazião;
Outros em cima o mar alevantavão,
Saltando n'agua a nado se acolhião:
De hum bordo e d'outro subito saltavão,
Que o medo os compellia do que vião;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
 As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente,
 Daqui e dalli saltando, o charco soa,
 Por fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao couto que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
 Que ao perigo grande as náos guiára,
 Crendo que seu engano estava noto,
 Tambem foge, saltando na agua amara.
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde percão a vida doce e cara,
 A ancora solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
 Dos Mouros não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza,
 Entende o que ordenava a bruta gente:
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a não passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande , estranho, e não cuidado !
Oh milagre clarissimo, e evidente !
Oh descoberto engano inopinado !
Oh perfida , inimiga. e falsa gente !
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente ,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana ?

XXXI.

Bem nos mostra a divina Providencia ,
Destes portos a pouca segurança ;
Bem claro temos visto na apparencia ,
Que era enganada a nossa confiança :
Mas pois saber humano, nem prudencia ,
Enganos tão fingidos não alcança ;
O tu Guarda divina , tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina ,
Que só por tua altissima bondade ,
Da gente a salvas perfida e malina ;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina ;
Ou nos amostra a terra que buscamos ,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficárão desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava do fogo a esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e cara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, já se apresentára.
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o matárão,
Que primeiro desejos o aeabárão.

XXXVI.

Os crespos fios d'ouro se esparzião
 Pelo collo, que a neve escurecia ;
 Andando, as lacteas tetas lhe tremião,
 Com quem amor brincava, e não se via ;
 Da alva petrina flammás lhe sahião,
 Onde o Menino as almas accendia ;
 Pelas lisas columnas lhe trepavão
 Desejos, que como hera se enrolavão.

XXXVII.

C'hum delgado sendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo ;
 Porem nem tudo esconde, nem descobre
 O veo, dos roxos lirios pouco avaro :
 Mas para que o desejo accenda, e dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.
 Já se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante,
 Co' o riso huma tristeza misturada ;
 Como dama que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos mal tratada,
 Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
 E se torna entre alegre magoada :
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre falla.

XXXIX.

Sempre eu cuidei , ó Padre poderoso ,
 Que para as cousas , que eu do peito amasse ,
 Te achasse brando , affabil , e amoroso ,
 Postoque a algum contrario lhe pezasse :
 Mas pois que contra mi te vejo iroso ,
 Sem que to merecesse , nem te errasse ,
 Faça-se como Baccho determina ;
 Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu , por quem derramo
 As lagrimas que em vão cahidas vejo ,
 Que assaz de mal lhe quero , pois que o amo ,
 Sendo tu tanto contra meu desejo :
 Por elle a ti rogando choro , e bramo ,
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora pois , porque o amo he mal tratado ,
 Quero-lhe querer mal , será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes
 Que pois eu fui.... E nisto de mimosa ,
 O rosto banha em lagrimas ardentes ,
 Como co'o orvalho fica a fresca rosa :
 Callada hum pouco , como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa ;
 Torna a seguila ; e indo por diante ,
 Lhe atalha o poderoso , e grão Tonante :

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que movêrão de hum tigre o peito duro;
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro;
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

XLIII.

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem o affaga, o choro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem commigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos , e a fonte de Timavo ;
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla e de Charybdis o mar bravo ;
 Os vossos móres cousas attentando ,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

Fortalezas, cidades, e altos muros ,
 Por elles vereis, filha, edificados ;
 Os Turcos bellacissimos, e duros,
 Delles sempre vereis desbaratados ;
 Os Reis da India liyres, e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados :
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis este que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremar d'elle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas águas encrespando.
 Oh caso nunca visto, e milagroso,
 Que trema e ferva o mar, em calma estando !
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos !

XLVIII.

Vereis a terra que a agua lhe tolhia ,
Que inda ha de ser hum porto mui decente ,
Em que vão descançar da longa via ,
As náos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim , que agora ordia
O mortifero engano , obediente
Lhe pagará tributos , conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo tão famoso ,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado ;
Vereis de Ormuz o reino poderoso ,
Duas vezes tomado , e subjugado :
Alli vereis o Mouro furioso ,
De suas mesmas settas traspassado ;
Que quem vai contra os vossos , claro veja ,
Que se resiste , contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte ,
Que dous cercos terá , dos vossos sendo ;
Alli se mostrará seu preço , e sorte ,
Feitos de armas grandissimos fazendo :
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero , e horrendo.
Do Mouro alli verão que a voz extrema
Do falso Mafamede ao ceo blasphema.

L I.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá depois a ser senhora
 De todo o Oriente, e sublimada
 Co'os triumphos da gente vencedora:
 Alli soberba, altiva, e exalçada,
 Ao Gentio, que os idolos adora,
 Duro freio porá, e a toda a terra
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

L II.

Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força, e gente;
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, e tão potente:
 E vereis em Cochim assimilar-se
 Tanto hum peito soberbo, e insolente,
 Que cithara já mais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome e gloria.

L III.

Nunca com Marte instructo, e furioso,
 Se vio ferver Leucate, quando Augusto
 Nas civis Actias guerras animoso,
 O capitão venceu Romano injusto;
 Que dos povos de Aurora, e do famoso
 Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
 A victoria trazia, e presa rica,
 Preso da Egyptia linda, e não pudica:

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente;
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Monbaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylleneo voava ;
 Com as azas nos pés á terra dece ;
 Sua vara fatal na mão levava ,
 Com que os olhos cansados adormece :
 Com esta , as tristes almas revocava
 Do inferno , e o vento lhe obedece :
 Na cabeça o galero costumado ;
 E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva , porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro ;
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado e caro.
 Desta arte vai fazendo a gente amiga ,
 Co' o rumor famosissimo , e preclaro :
 Já Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte ,
 Aonde as náos estavam temerosas ,
 Para que á gente mande , que se aparte
 Da barra imiga , e terras suspeitosas.
 Porque mui pouco val esforço , e arte ,
 Contra infernaes vontades enganosas :
 Pouco val coração , astucia , e siso ,
 Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade,
 Lá quasi junto donde o Sol ardendo
 Iguala o dia e noite em quantidade:
 Alli tua frota alegre recebendo
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 E para a India certa e sabia guia.

LXIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
 Ao Capitão, que com mui grande espanto
 Acorda, e vê ferida a escura treva
 De huma subita luz, e raio santo.
 E vendo claro quanto lhe releva
 Não se deter na terra iniqua tanto,
 Com novo espirito ao mestre seu mandava,
 Que as velas dêsse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
 Que o ceo nos favorece, e Deos o manda;
 Que hum mensageiro vi do claro assento
 Que só em favor de nossos passos anda.
 Alevanta-se nisto o movimento
 Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
 Levão gritando as ancoras acima,
 Mostrando a ruda força, que se estima.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado ;
E as estrellas no ceo, co'a luz alhea ,
Tinhão o largo mundo allumiado ;
E só co'o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite que arrecea ,
Breve repouso então aos olhos dava ;
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe appareco,
Dizendo ; Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece ,
Por te trazer ao fim, e extremo dano ;
Fuge, que o vento, e o ceo te favorece,
Serenos o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Não tens aqui senão aparelhado
O hospício que o cru Diomedes dava ,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava :
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava ;
Terás certas aqui, se muito esperas ;
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavão,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavão,
Por serem, dando a costa, destruidos :
Mas com vista de lince vigiavão
Os Portuguezes, sempre apercebidos :
Elles como acordados os sentirão,
Voando, e não remando, lhe fugirão.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hião as vias humidas de argento ;
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando ;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
En' outra começava, quando virão
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respirão :
Porque havião de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas virão :
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX.

Não he o outro que fica tão manhoso ;
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano :
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia ; e se a tivera ,
Mais damno resistindo recebéra.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava ,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ;
Mas não lhe succedeo como cuidava :
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos ceos a India estava :
Porem dizem-lhe todos , que tem perto
Melinde , onde acharão piloto certo.

LXXI.

Louvão do Rei os Mouros a bondade ,
Condição liberal , sincero peito ,
Magnificencia grande , e humanidade ,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade ,
Porque já lho dissera , deste geito ,
O Cylleneo em sonhos ; e partia
Para onde o sonho , e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz Phebea;
 Quando hum e o outro corno lhe aquentava;
 E Flora derramava o de Amalthea.
 A memoria do dia renovava
 O pressuroso Sol, que o ceo rodea,
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
 O sello poz a quanto tinha feito:

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
 Onde o reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e leda de arte,
 Que bem mostra estimar o santo dia.
 Treme a bandeira, voa o estandarte,
 A cor purpurea ao longe apparecia;
 Soão os atambores, e pãdeiros;
 E assi entravão ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
 De gente que vem ver a leda armada;
 Gente mais verdadeira, e mais humana,
 Que toda a d'outra terra atraz deixada.
 Surge diante a frota Lusitana;
 Péga no fundo a ancora pezada:
 Mandão fóra hum dos Mouros que tomárão,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestárão.

LXXV.

O Rei que já sabia da nobreza,
 Que tanto os Portuguezes engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece:
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece,
 Lhe manda rogar muito que sahissesem,
 Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offercimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As que o Rei manda aos nobres Cavalleiros,
 Que tanto mar, e terras tem passadas.
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
 E gallinhas domesticas cevadas,
 Com as frutas que então na terra havia;
 E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, e seu recado;
 E logo manda ao Rei outro presente,
 Que de longe trazia apparelhado:
 Escarlata purpurea, cor ardente;
 O ramoso coral, fino, e prezado,
 Que debaixo das aguas molle crece,
 E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante ,
Que co' o Rei nobre as pazes concertasse ;
E que de não sahir naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante ,
Como na terra ao Rei se apresentasse ,
Com estylo que Pallas lhe ensinava ,
Estas palavras taes fallando orava :

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Não somos roubadores , que passando
Pelas fracas cidades descuidadas ,
A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas :
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica , por mandado
De hum Rei que temos , alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geração tão dura ha hi de gente?
 Que barbaro costume, e usança fea,
 Que não vedem os portos tamsomente,
 Mas inda o hospicio da deserta area?
 Que má tenção, qué peito em nos se sente,
 Que de tão pouca gente se arrecea?
 Que com laços armados tão fingidos,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certo confiamos
 Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do Interprete divino:
 Que pois a ti nos manda, está mui claro,
 Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
 O nosso Capitão esclarecido
 A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberás que o fez, porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rei, que lhe manda que não saia,
 Deixando a frota, em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça :
Mas as merces, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus puderem
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia ; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavão muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledto aspeito,
Responde ao embaixador que tanto estima :
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vos se imprima :
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima ;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII.

De não sahir em terra toda a gente,
 Por observar a usada preeminencia,
 Aindaque me peze estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia.
 Mas se lho o regimento não consente,
 Nem eu consentirei que a excellencia
 De peitos tão leaes em si desfaça,
 Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porem como a luz crastina chegada
 Ao mundo for, em minhas almadias,
 Eu irei visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias :
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, e longas vias,
 Aqui terá, de limpos pensamentos
 Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse ; e nas aguas se escondia
 O filho de Latona ; e o mensageiro
 Co'a embaixada alegre se partia
 Para a frota, no seu batel ligeiro.
 Enchem-se os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro
 Para acharem a terra que buscavão ;
 E assi ledos a noite festejavão.

X C.

Não faltão alli os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando :
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estão queimando :
Outros com vozes, com que o ceo ferião,
Instrumentos altisonos tangião.

X C I.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido ;
Anda em gyros no ar a roda ardente ;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente ;
O mar se via em fogos accendido ;
E não menos a terra : e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

X C II.

Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalhos ;
E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho :
Hião-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

X C I I I.

Vião-se em derredor ferver as praias
 Da gente, que a ver só concorre leda ;
 Luzem da fina purpura as cabaias,
 Lustrão os pannos da tecida seda :
 Em lugar de guerreiras azagaias,
 E do arco, que os cornos arremeda
 Da Lua, trazem ramos de palmeira ;
 Dos que vencem coroa verdadeira.

X C I V.

Hum batel grande, e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu reino, e de senhores.
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes, e primores ;
 Na cabeça huma fota guarnecida,
 De ouro e de seda, e de algodão tecida.

X C V.

Cabaia de damasco rico, e dino,
 Da Tyria cor, entre elles estimada ;
 Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada ;
 C'hum resplendor reluze adamantino,
 Na cinta, a rica adaga bem lavrada ;
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
N'hum alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro á solar quentura veda
Que não offenda, e queime o Rei subido.
Musica traz na proa estranha e leda,
De aspero som, horrissimo ao ouvido;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus bateis, da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza:

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibão ajunta, e achega;
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dá o murice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo differente.
 Tal o formoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavão
 Os animos alegres resonando :
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavão,
 Os toldos pelas aguas arrojando.
 As bombardas horrisonas bramavão,
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando ;
 Amiudão-se os brados accendidos,
 Tapão co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava ;
 Elle co' a cortezia que a razão
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 C'humas mostras de espanto, e admiração,
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava ;
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente que de tão longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram
Quando nella ganhárão a coroa
Do reino, onde as Hesperidas viverão.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso merecérão;
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

O tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

C V.

Tu só de todos quantos queima Apollo
 Nos recebes em paz, do mar profundo;
 Em ti dos ventos horridos de Eolo
 Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
 Em quanto apascentar o largo polo
 As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
 Vivirão teus louvores em memoria.

C VI.

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frota, que o Mouro ver deseja;
 Vão as náos huma e huma rodeando,
 Porque de todas tudo note, e veja,
 Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
 A frota co'as bombardas o festeja;
 E as trombetas canoras lhe tangião;
 Co'os anafis os Mouros respondião.

C VII.

Mas depois de ser tudo já notado
 Do generoso Mouro, que pasmava,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava;
 Mandava estar quieto, e ancorado
 N'agua o batel ligeiro que os levava,
 Por fallar de vagar co'o forte Gama,
 Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas e excellentes,
 Co' o povo havidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia ultima, onde mora;
 Agora pelos povos seus visinhos;
 Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente,
 Da terra tua o clima, e região
 Do mundo onde morais, distinctamente;
 E assi de vossa antigua geração,
 E o principio do reino tão potente;
 Co' os successos das guerras do começo,
 Que sem sabelas, sei que são de preço:

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado;
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Africa ruda tem criado.
 Conta: que agora vem co' os aureos freios
 Os cavallos, que o carro marchetado,
 Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
 O vento dorme, o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E não menos co'o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares ;
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares ?
 Não tanto desviado resplandece
 De nos o claro Sol, para julgares
 Que os Melindanos tem tão rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito.

CXII.

Commettérão soberbos os Gigantes,
 Com guerra vã, o Olympo claro e puro ;
 Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
 O reino de Plutão horrendo e escuro :
 Se houve feitos no mundo tão possantes,
 Não menos he trabalho illustre e duro,
 Quanto foi commetter inferno, e ceo,
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,
 Herostrato, por ser da gente humana
 Conhecido no mundo, e nomeado :
 Se tambem com taes obras nos engana
 O desejo de hum nome avantajado,
 Mais razão ha que queira eterna gloria,
 Quem faz obras tão dignas de memoria.

OS LUSIADAS.

CANTO TERCEIRO.

I.

AGORA tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama;
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clytie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Poem tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.



III.

Promptos estavam todos escuitando
 O que o sublime Gama contaria ;
 Quando, depois de hum pouco estar cuidando,
 Alevantando o rosto, assi dizia :
 Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
 De minha gente a grão genealogia :
 Não me mandas contar estranha historia ;
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alheio,
 Cousa he que se costuma, e se deseja :
 Mas louvar os meus proprios, arreceio
 Que louvor tão suspeito mal me esteja ;
 E para dizer tudo, temo e creio
 Que qualquer longo tempo curto seja :
 Mas pois o mandas, tudo se te deve ;
 Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
 He não poder mentir no que disser,
 Porque de feitos taes, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer :
 Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
 Segundo o que desejas de saber,
 Primeiro tratarei da larga terra,
 Depois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a zona que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanta, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa; a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterraneo.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo,
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antiguamente grande guerra
 Tiverão, sobre a humana antiguidade,
 Co'os que têmão então a Egyptia terra:
 Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo Damasceno o perguntára.

X.

Agora nestas partes se nomea
 A Lappia fria, a inculta Noroega;
 Escandinavia ilha, que se arrea
 Das victorias que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não refrea
 O congelado inverno, se navega
 Hum braço do Sarmatico Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios,
 Sarmatas outro tempo: e na montanha
 Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
 Sujeitos ao imperio de Alemanha
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida ;
Onde co' o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino ;
Boa injuria do grande Constantino !

XIII.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria ;
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia ;
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras !

XIV.

Logo os Dalmatas vivem ; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou ;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cerca o reino Neptunino,
 Co'os muros naturaes, por outra parte:
 Pelo meio o divide o Apennino,
 Que tão illustre fez o patrio Marte.
 Mas despois que o Porteiro tem divino,
 Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
 Pobre está já de antigua potestade;
 Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
 Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
 Que do Sequana, e Rhodano he regada,
 E do Garumna frio, e Rheno fundo:
 Logo os montes da Nympha sepultada
 Pyrene se alevantão, que segundo
 Antiguidades contão, quando ardêrão,
 Rios de ouro, e de prata então corrêrão.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como cabeça alli de Europa toda;
 Em cujo senhorio, e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderá com força, ou manha,
 A fortuna inquieta por-lhe noda,
 Que lhe não tire o esforço, e ousadia,
 Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterraneo,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Co' o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já forão contra a gente Mahometa;
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o Ceo justo que florea
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada ;
 A' qual se o Ceo me dá , que eu sem perigo
 Torne , com esta empreza já acabada ,
 Acabe-se esta luz alli commigo.

Esta foi Lusitania derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos forão , parece , ou companheiros,
 E nella então os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo , que no seu nome
 Se vê que de homem forte os feitos teve ;
 Cuja fama ninguem virá que dome ,
 Pois a grande de Roma não se atreve.
 Esta, o velho que os filhos proprios come,
 Por decreto do Ceo , ligeiro e leve,
 Veio a fazer no mundo tanta parte ,
 Creando-a reino illustre ; e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei, por nome Afonso, foi na Hespanha ,
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra ,
 Que por armas sanguinas, força, e manha,
 A muitos fez perder a vida, e a terra.
 Voando deste Rei a fama estranha ,
 Do Herculano Galpe á Caspia serra ,
 Muitos para na guerra esclarecer-se ,
 Vinhão a elle , e á morte offerecer-se.

XXIV.

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostrárão nas armas singulares;
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dons iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado:
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhana, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
 Da cidade Hierosolyma sagrada,
 E do Jordão a area tinha vista,
 Que vio de Deos a carne em si lavada;
 Que não tendo Gothfredo a quem resista,
 Depois de ter Judea subjugada,
 Muitos que nestas guerras o ajudárão,
 Para seus senhorios se tornárão.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte, e famoso Hungaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O espirito deo a quem lho tinha dado;
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pai deixava seu traslado;
 Que do mundo os mais fortes igualava;
 Que de tal pai, tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, não sei se errado,
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,
 Conta que a mãe tomando todo o estado,
 Do segundo hymeneo não se despreza.
 O filho orphão deixava desherdado,
 Dizendo, que nas terras a grandeza
 Do senhorio todo só sua era,
 Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o principe Afonso, que desta arte
Se chamaya, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimaraens o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era o maior.

XXXII.

O' Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos propios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas deste erro principais:
Scylla por huma mata o velho pai,
Esta por ambas, contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Príncipe claro o vencimento
 Do padraсто, e da iniqua mãe levava;
 Já lhe obedece a terra n'hum momento,
 Que primeiro contra elle pelejava:
 Porém vencido de ira o entendimento,
 A mãe em ferros asperos atava:
 Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
 Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
 Para vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tão raro em gente Lusitano,
 A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
 Em batalha cruel o peito humano,
 Ajudado da angelica defesa,
 Não só contra tal furia se sustenta,
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Não passa muito tempo, quando o forte
 Príncipe em Guimaraens está cercado
 De infinito poder; que desta sorte
 Foi refazer-se o imigo magoado:
 Mas, com se offerecer á dura morte
 O fiel Egas, amo foi livrado;
 Que de outra arte pudera ser perdido,
 Segundo estava mal apercebido,

XXXVI.

Mas o leal vassallo , conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia ,
Se vai ao Castelhana , promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo ,
Fiado na promessa , e consciencia
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido ,
Em que o Rei Castelhana já aguardava ,
Que o Principe a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas , que ficava fementido ,
O que d'elle Castella não cuidava ,
Determina de dar a doce vida ,
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos , a mulher se parte
A levantar com elles a fiança ;
Descalços , e despidos , de tal arte ,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pretendes , Rei alto , de vingar-te
De minha temeraria confiança ,
Dizia , eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se a peitos generosos, e excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos, e a lingua delinquentes;
 Nellas sós exprimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Poem no cepo a garganta; e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido:
 Tal diante do Principe indignado,
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza,
 De vassallo que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto, e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezára,
 Que vinte Babylonias que tomára.

XLII.

Mas já o Príncipe Afonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'alem do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força e gente tão pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos que o ceo regia;
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudarão,
E as que o Thermodonte já gostarão.

XLV.

A matutina luz serena, e fria,
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o filho de Maria,
 Amostrando-se a Afonso o animava.
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Fé todo inflammado, assi gritava :
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mi que creio o que podeis !

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflammados, levantavão
 Por seu Rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavão :
 E diante do exercito potente
 Dos imigos, gritando o ceo tocavão ;
 Dizendo em alta voz : « Real, Real,
 Por Afonso alto Rei de Portugal. »

XLVII.

Qual co'os gritos, e vozes incitado,
 Pela montanha o rabido moloso,
 Contra o touro remette, que fiado
 Na força está do corno temeroso ;
 Ora gega na orelha, ora no lado,
 Latindo, mais ligeiro que forçoso,
 Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
 Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido,
 Por Deos, e pelo povo juntamente,
 O barbaro commette apercebido,
 Co' o animoso exercito rompente.
 Levantão nisto os perros o alarido
 Dos gritos; tocão a arma, ferve a gente,
 As lanças e arcos tomão, tubas soão,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateadada
 Foi nos aridos campos, (assoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co' o vento, o secco mato vai queimando:
 A pastoral companha, que deitada
 Co' o doce somno estava, despertando
 Ao estridor do fogo, que se atea,
 Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
 Toma sem tento as armas mui depressa;
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
 Huns cahem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

LI.

Alli se vem encontros temerosos,
 Para se desfazer huma alta serra;
 E os animaes correndo furiosos,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
 Golpes se dão medonhos, e forçosos;
 Por toda a parte andava accessa a guerra:
 Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
 Rompe, corta, desfaz, abala, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
 E d'outros as entranhas palpitando,
 Pallida a cor, o gesto amortecido.
 Já perde o campo o exercito nefando,
 Correm rios de sangue desparzido,
 Com que tambem do campo a cor se perde,
 Tornando carmesi de branco, e verde.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
 Recolhendo os tropheos, e presa rica:
 Desbaratado, e roto o Mauro Hispano,
 Tres dias o grão Rei no campo fica.
 Aqui pinta no branco Escudo ufano,
 Que agora esta victoria certifica,
 Cinco escudos azues esclarecidos,
 Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido ;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido ;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tão sereno.

LVI.

A estas nobres villas submettidas,
Ajunta tambem Mafra em pouco espaço ;
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço ;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
 Facilmente das outras es princesa,
 Que edificada foste do sacundo,
 Por cujo engano foi Dardania accessa:
 Tu, a quem obedece o mar profundo,
 Obedeceste á força Portuguesa,
 Ajudada tambem da forte armada,
 Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
 E da fria Bretanha conduzidos,
 A destruir o povo Sarraceno,
 Muitos com tenção santa erão partidos.
 Entrando a boca já do Tejo ameno,
 Co' o arraial do grande Afonso unidos,
 Cuja alta fama então subia aos ceos,
 Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lua se escondéra,
 E outras tantas mostrára cheio o rosto,
 Quando a cidade entrada se rendéra
 Ao duro cerco que lhe estava posto.
 Foi a batalha tão sanguina e fera,
 Quanto obrigava o firme presupposto,
 De vencedores asperos e ousados,
 E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados :
Cujó poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados ;
E em fim co' o Betis tanto alguns puderão,
Que á terra de Vandalia nome derão.

LXI.

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa ?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co' o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes :
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres ;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

LXIII.

Eis a nobre cidade, certo assento
 Do rebelde Sertorio antigamente ;
 Onde ora as aguas nitidas de argento
 Vem sustentar de longo a terra, e a gente ;
 Pelos arcos reaes, que cento e cento
 Nos ares se alevantão nobremente ;
 Obedeceo por meio e ousadia
 De Giraldo, que medos não temia.

LXIV.

Já na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida
 Afonso, que não sabe socegar,
 Por estender co' a fama a curta vida.
 Não se lhe pode muito sustentar
 A cidade : mas sendo já rendida,
 Em toda a cousa viva a gente irada
 Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas sobjugada foi Palmella,
 E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
 Sendo ajudado mais de sua estrella,
 Desbaratá hum exercito potente,
 (Sentio-o a villa, e vio-o a serra della !)
 Que a soccorreia vinha diligente ;
 Pela fralda da serra, descuidado
 Do temeroso encontro inopinado :

LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cavallos furiosos,
 Innumeros peões, d'armas, e de ouro
 Guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.
 Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
 Co'os ciumes da vacca arreceosos,
 Sentindo gente o bruto e cego amante,
 Saltea o descuidado caminhante :

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
 Na gente dá, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba denodado;
 Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
 D'hum panico terror todo assombrado,
 Só de seguilo o exercito procura;
 Sendo estes que fizerão tanto abalo
 No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança
 O grão Rei incansabil, ajuntando
 Gentes de todo o Reino, cuja usança
 Era andar sempre terras conquistando.
 Cercar vai Badajoz, e logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço, e arte, e valentia,
 Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
 O castigo daquelle que o merece;
 Ou para que se emende ás vezes tarda,
 Ou por segredos que homem não conhece;
 Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
 Dos perigos a que elle se offerece,
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe que estava presa.

LXX.

Que estando na cidade que cercára,
 Cercado nella foi dos Leonezes,
 Porque a conquista della lhe tomára,
 De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara,
 Assi como acontece muitas vezes,
 Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
 A' batalha onde foi vencido, e preso.

LXXI.

O famoso Pompeio, não te pene
 De teus feitos illustres a ruina;
 Nem ver que a justa Nemesis ordene,
 Ter teu sógro de ti victoria dina:
 Postoque o frio Phasis, ou Syene,
 Que para nenhum cabo a sombra inclina,
 O Bootes gelado, e a Linha ardente,
 Temessem o teu nome geralmente:

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
 Heniochos; e Colchos, cuja fama
 O veo dourado estende; e os Cappadoces,
 E Judea que hum Deos adora e ama;
 E que os molles Sophenes, e os atroces
 Cilicios, com a Armenia, que derrama
 As aguas dos dous rios, cuja fonte
 Está n'outro mais alto: e santo monte.

LXXIII.

E posto em fim que desd' o-mar de Atlante
 Até o Scythico Tauro, monte erguido,
 Já vencedor te vissem; não te espante
 Se o campo Emathio só te vio vencido:
 Porque Afonso verás soberbo, e ovante,
 Tudo render, e ser depois rendido.
 Assi o quiz o Conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do divino Juizo castigado,
 Depois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foi cercado;
 E depois que do martyre Vicente
 O santissimo corpo venerado,
 Do Sacro promontorio conhecido,
 A' cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
 Ao forte filho manda o lasso velho,
 Que ás terras se passasse d'Alemtejo;
 Com gente, e co'o belligero apparelho.
 Sancho, d'esforço, e d'animo sobejo,
 Avante passa, e faz correr vermelho
 O rio que Sevilha vai regando,
 Co'o sangue Mouro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
 Já não descansa o moço até que veja
 Outro estrago, como este temeroso,
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deseja.
 Assi estragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas poem sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntão do monte, a quem Medusa
 O corpo fez perder que teve o ceo:
 Já vem do promontorio de Ampelusa,
 E do Tinge que assento foi de Anteo.
 O morador de Abyla não se escusa;
 Que tambem com suas armas se moveo,
 Ao som da Mauritana e ronca tuba,
 Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porem não lhe succede muito bem.

LXXIX.

Da-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Afonso não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinhão já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mouro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada,
 Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada
 Em breve os Mōuros tem desbaratados.
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallo, jaezes, presa rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida:
 O Mir-almuminin só não fugio,
 Porque antes de fugir lhe fogue a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio,
 Dão louvores, e graças sem medida:
 Que em casos tão estranhos claramente,
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Afonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 Da larga e muita idade foi vencido.
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido;
 E pagarão seus annos deste geito,
 A' triste Libitina seu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o chorárão ;
 E dos rios as aguas saudosas
 Os semeados campos alagárão ,
 Com lagrimas correndo piedosas.
 Mas tanto pelo mundo se alagárão
 Com fama suas obras valerosas ,
 Que sempre no seu reino chamarão ,
 Afonso , Afonso , os eccos : mas em vão !

LXXXV.

Sancho forte mancebo , que ficára
 Imitando seu pai na valentia ,
 E que em sua vida já se exprimentára ,
 Quando o Betis de sangue se tingia ;
 E o barbaro poder desbaratára
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia ;
 E mais quando os que Beja em vão cercárão
 Os golpes de seu braço em si provárão :

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado ,
 Havendo poucos annos que reinava ,
 A cidade de Sylves tem cercado ,
 Cujos campos o barbaro lavrava :
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da Germanica armada , que passava ,
 De armas fortes e gente apercebida ,
 A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Passavão a ajudar na santa empresa
 O roxo Federico, que moveo
 O poderoso exercito em defesa
 Da cidade onde Christo padeceo;
 Quando Guido, co' a gente em sede accesa,
 Ao grande Saladino se rendeo,
 No lugar onde aos Mouros sobejavão
 As aguas, que os de Guido desejavão.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do santo marte:
 Assi como a seu pai acontecéra
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado Sylves toma,
 E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

E se tantos tropheos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mavorte:
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas visinhas,
 Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

X C.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mauros foi tomado
Alcacere-do-Sal, por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomárão,
Mas agora estruidos o pagarão.

X C I.

Morto depois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

X C I I.

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto
Com a mãe Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes, e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos ;
 Nem tinha como Phalaris achado
 Genero de tormentos inhumanos :
 Mas o reino de altivo, e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o reino governou
 O Conde Bolonhez, depois alcado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
 Este que Afonso o bravo se chamou,
 Depois de ter o Reino segurado,
 Em dilatalo cuida; que em terreno
 Não cabe o altivo peito tão pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co' o braço, e deita fóra
 O Mouro mal querido, já de Marte.
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania, com força, e bellica arte;
 E acabou de opprimir a nação forte,
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino prospero florece,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicon as Musas fez passar-se
A pizar de Mondego a fertil herva.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
 Co' o peito desprezou firme e sereno ;
 Porque não he das forças Lusitanas,
 Temer poder maior, por mais pequeno.
 Mas porem quando as gentes Mauritanas
 A possuir o Hesperico terreno
 Entrárão pelas terras de Castella,
 Foi o soberbo Afonso a soccorrela.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
 Veio os campos Hydaspicos enchendo ;
 Nem Attila, que Italia todo espanta,
 Chamando-se de Deos açoute horrendo,
 Gothica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co' o poder excessivo de Granada,
 Foi nos campos Tartesios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhanao
 A forza inexpugnabil, grande e forte,
 Temendo mais o fim do povo Hispano,
 Já perdido huma vez, que a propria morte;
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandava a carissima consorte,
 Mulher de quem a manda, e filha amada
 Daquelle a cujo reino foi mandada.

C II.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados ;
Lindo o gesto , mas fóra de alegria ,
E seus olhos em lagrimas banhados :
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados :
Diante do pai ledo , que a agasalha ,
Estas palavras taes chorando espalha :

C III.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda , gente fera e estranha ,
O grão Rei de Marrocos conduzio ,
Para vir possuir a nobre Hespanha :
Poder tamanho junto não se vio ,
Despois que o salso mar a terra banha :
Trazem ferocidade , e furor tanto ,
Que a vivos medo , e a mortos faz espanto.

C IV.

Aquelle que me déste por marido ,
Por defender sua terra amedrontada ,
Co'o pequeno poder , offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada ;
E se não for contigo soccorrido ,
Vêr-me-has delle , e do reino ser privada ;
Viuva , e triste , e posta em vida escura ,
Sem marido , sem reino , e sem ventura.

C V.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
 O corrente Mulucha se congela;
 Rompe toda a tardança; acude cedo
 A' miseranda gente de Castella:
 Se esse gesto que mostras claro e ledô,
 De pai o verdadeiro amor assella,
 Acude, e corre pai; que senão corres,
 Pode ser que não aches quem soccorres.

C V I.

Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, que a triste Venus, quando
 A Jupiter seu pai favor pedia,
 Para Eneas seu filho navegando;
 Que a tanta piedade o commovia,
 Que cahio das mãos o raio infando,
 Tudo o clemente padre lhe concede,
 Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

C V I I.

Mas já co'os esquadrões da gente armada
 Os Eborenses campos vão coalhados;
 Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada;
 Vão rincando os cavallo jaezados.
 A canora trombeta embandeirada,
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando,
 Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado:
E somente co' o gesto esforça, e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto, e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça, e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estão de Agar os netos, quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
A' nobre terra alheia chamão sua.

CXI.

Qual o membrudo, e barbaro Gigante,
 Do Rei Saul com causa tão temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante,
 Só de pedras, e esforço apercebido;
 Com palavras soberbas, e arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido,
 Que rodeando a funda, o desengana
 Quanto mais pode a fé, que a força humana:

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos Christãos, e não entende,
 Que está ajudado da alta fortaleza,
 A quem o inferno horrifico se rende:
 Com ella o Castelhana, e com destreza,
 De Marrocos o Rei commette, e offende:
 O Portuguez, que tudo estima em nada,
 Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças, e espadas retinião
 Por cima dos arnezes: bravo estrago!
 Chamão, segundo as leis que alli seguião,
 Huns Mafamede, e os outros Sant-Iago.
 Os feridos com grita o ceo serião,
 Fazendo de seu sangue bruto lago,
 Onde outros meios mortos se affogavão,
 Quando do ferro as vidas escapavão.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue , e mata ,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata ,
Sem lhe valer defeza , ou peito de aço.
De alcançar tal victoria , tão barata ,
Inda não bem contente o forte braço ,
Vai ajudar ao bravo Castelhana ,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis ; e inclinado ,
Para o Ponente o vespero trazendo ,
Estava o claro dia memorado :
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado ,
Com tanta mortandade , que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI.

Não matou a quarta parte o forte Mario ,
Dos que morrerão neste vencimento ,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento :
Nem o Peno , asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento ,
Quando tantos matou da illustre Roma ,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
 Mandar ao reino escuro de Cocyto ,
 Quando a santa Cidade desfizeste
 Do povo pertinaz no antiguo rito ;
 Permissão , e vingança foi celeste ,
 E não força de braço , ó nobre Tito ;
 Que assi dos Vates foi prophetizado ,
 E depois de JESU certificado.

CXVIII.

Passada esta tão prospera victoria ,
 Tornado Afonso á Lusitana terra ,
 A se lograr da paz com tanta gloria ,
 Quanta soube ganhar na dura guerra ;
 O caso triste , e digno da memoria ,
 Que do sepulchro os homens desenterra ,
 Aconteceo da misera , e mesquinha ,
 Que depois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor , com força crua ,
 Que os corações humanos tanto obriga ,
 Déste causa á molesta morte sua ,
 Como se fora perfida inimiga .
 Se dizem , fero Amor , que a sede tua
 Nem com lagrimas tristes se mitiga :
 He porque queres , aspero e tyranno ,
 Tuas aras banhar em sangue humano .

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledó e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escrito tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondião
As lembranças quo na alma lhe moravão;
Que sempre ante seus olhos te trazião,
Quando dos teus formosos se apartavão;
De noite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos que voavão;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro Amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho que tem preso;
 Credo co' o sangue só da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Da furor Mauro, fosse alevantada
 Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Trazião-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo com falsas, e ferozes
 Razões, á morte crua o persuade.
 Ella com tristes, e piedosas vozes,
 Sahidas só da magoa, e saudade
 Do seu principe, e filhos, que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV.

Para o ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos;
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Hum dos duros ministros rigorosos:
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
 Cujá orphandade como mãi temia,
 Para o avó cruel assi dizia:

CXXVI.

Se já nas brutas feras , cuja mente
Natura fez cruel de nascimento ;
E nas aves agrestes , que somente
Mas rapinas aerias tem o intento ;
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento ,
Como co'a mãe de Nino já mostrarão ,
E co'os irmãos que Roma edificarão :

CXXVII.

O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força , só por ter sujeito
O coração a quem soube vencela ,)
A estas criancinhas tem respeito ,
Pois o não tens á morte escura della :
Mova-te a piedade sua , e minha ,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia ,
A morte sabes dar com fogo e ferro ,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdela não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia ,
Poem-me em perpetuo e misero desterro ,
Na Scythia fria , ou lá na Libya ardente ,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Poem-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres, e verei
 Se nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei :
 Alli co' o amor intrinseco, e vontade,
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras que o magoão;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdoão.
 Arrancão das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli apregoão.
 Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos mostrais, e cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente, e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece :

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavão, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memorarão ;
 E por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformarão :
 O nome lhe puzerão, que inda dura ,
 Dos amores de Ignez , que alli passarão.
 Vede que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Não correo muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas ;
 Que em tomando do Reino a governança ,
 A tomou dos fugidos homicidas :
 Do outro Pedro cruissimo os alcança ;
 Que ambos imigos das humanas vidas ,
 O concerto fizerão duro e injusto ,
 Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este , castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes, e adulterios :
 Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
 Erão os seus mais certos refrigerios.
 As cidades guardando justicoso,
 De todos os soberbos vituperios ,
 Mais ladrões castigando á morte deo ,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando,
 (Vede da natureza o desconcerto!)
 Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino poz em muito aperto:
 Que vindo o Castelhana devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o Reino totalmente;
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado,
 N'hum falso parecer mal entendido;
 Ou foi que o coração sujeito e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, e fraco; e bem parece,
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXI.

Do peccado tiverão sempre a pena
 Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
 Os que forão roubar a bella Helena;
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David santo se condena?
 Ou quem o Tribu illustre destruo
 De Benjamin? Bem claro nolo ensina
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

C X L I.

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado.
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçoado.
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,
 Depois que hu'a moça vil na Apulia viste!

C X L I I.

Mas quem pode livrar-se por ventura
 Dos laços que Amor arma brandamente
 Entre as rosas, e a neve humana pura,
 O ouro, e o alabastro transparente?
 Quem de huma peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte que tem preso,
 Em pedra não; mas em desejo acceso?

C X L I I I.

Quem vio hum olharse seguro, hum gesto brando,
 Huma suave, e angelica excellencia,
 Que em si está sempre as alma transformando,
 Que tivesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia:
 Mas antes tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

OS LUSIADAS.

CANTO QUARTO.

I.

DESPOIS de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejãõ,
Quem os damnos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitarãõ
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançãõ,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos divina,
 Por signaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma menina,
 Ante tempo fallando, o nomeou;
 E como cousa em fim que o Ceo destina,
 No berço o corpo, e a voz alevantou:
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes,
 Co' o odio que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas, e evidentes,
 Faz do povo o furor, por onde vinha:
 Matando vão amigos, e parentes,
 Do adultero Conde, e da Rainha,
 Com quem sua incontinencia deshonestas
 Mais, depois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonorado,
 Diante della a ferro frio morre,
 De outros muitos na morte acompanhado;
 Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
 Quem como Astyanax precipitado
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
 A quem ordens, nem aras, nem respeito;
 Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhana está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões, e varias terras.

VIII.

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo,
Se foi, já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganhárão do tyranno e Mauro estado.
Não estimão das armas o perigo
Os que cortando vão co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
 Ainda confiados, se ajuntavão
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquivir as aguas lavão.
 A nobre ilha tambem se apercebia,
 Que antiguamente os Tyrios habitavão,
 Trazendo, por insignias verdadeiras,
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do reino de Toledo,
 Cidade nobre e antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave e ledão,
 Que das serras de Conca vem manando.
 A vos outros tambem não tolhe o medo,
 O sordidos Gallegos, duro bando,
 Que para resistirdes, vos armastes,
 A'quelles cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipuscua, e das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou d'elle os soberbos matadores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos de seu reino se aparelha:
E não porque conselho lhe fallece,
Co' os principaes senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negão o Rei, e a patria; e se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares; mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes;
A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

XV.

Como da gente illustre Portugueza,
 Ha de haver quem refuse o Patrio marte?
 Como, desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza,
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito,
 O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques, feros e valentes,
 Vencestes esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
 Puzerão em fugida, de maneira,
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão
 Presos, afora a presa que tiverão?

XVII.

Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais, e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal , que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes ,
Desbaratareis tudo o que quizerdes ,
Quanto mais a quem já desbaratastes :
E se com isto em fim vos não moverdes ,
Do penetrante medo que tomastes ,
Atai as mãos a vosso vão receio ,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos , e com esta ,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura , e infesta ,
A terra nunca de outrem subjugada :
Em virtude do Rei , da Patria mesta ,
Da lealdade já por vos negada ,
Vencerei , não só estes adversarios ,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio , reliquias sós de Cannas ,
Já para se entregar , quasi movidos ,
A' fortuna das forças Africanas ;
Cornelio moço os faz , que compellidos
Da sua espada jurem , que as Romanas
Armas não deixarão , em quanto a vida
Os não deixar , ou nellas for perdida :

XXI.

Dest' arte a gente força, e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões,
 Removem o temor frio, importuno,
 Que gelados lhe tinha os corações:
 Nos animaes cavalgão de Neptuno,
 Brandindo, e volteando arremessões;
 Vão correndo, e gritando a boca aberta:
 « Viva o famoso Rei que nos liberta. »

XXII.

Das gentes populares, huns approvão
 A guerra com que a patria se sustinha;
 Huns as armas alimpão, e renovão,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
 Capacetes estofão, peitos provão,
 Arma-se cada hum como convinha;
 Outros fazem vestidos de mil cores,
 Com letras e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia,
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as aguas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia,
 Quem para reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos, sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro também famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, e regelos,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavão pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo jejuns, e romarias.
Já chegão as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes, e atambores;
 Alferezes volteão as bandeiras,
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fruto deixa aos lavradores;
 Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto;
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
 Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso:
 Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
 Correo ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mãis, que o som terribil escuitarão,
 Aos peitos os filhinhos apertarão.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem sem cor,
 Que ao coração acode o sangue amigo;
 Que nos perigos grandes, o temor
 He maior muitas vezes que o perigo:
 E se o não he, parece-o; que o furor
 De offender, ou vencer o duro imigo,
 Faz não sentir que he perda grande e rara,
 Dos membros corporaes, da vida cara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra ;
De ambas partes se move a primeira ala ;
Huns leva a defensão da propria terra ,
Outros as esperanças de ganhala :
Logo o grande Pereira , em quem se encerra
Todo o valor , primeiro se assinala ;
Derriba , e encontra , e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejo , sendo alhea .

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões , settas , e varios tiros voão :
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalllos , treme a terra , os valles soão :
Espedação-se as lanças ; e as frequentes
Quedas , co' as duras armas tudo atroão :
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno , que os apouca .

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vão :
Caso feo e cruel ! Mas não se espanta ,
Que menos he querer matar o irmão ,
Quem contra o Rei , e a Patria se alevanta :
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão , que se adianta
Contra irmãos e parentes ; caso estranho !
Quaes nas guerras civís de Julio Magno .

XXXIII.

O' tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias, com profano
 Coração, vos fizestes inimigos ;
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros ;
 Tantos dos inimigos a elles vão :
 Está alli Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão ;
 Perseguem-no co' as lanças, e elle iroso,
 Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV.

Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina, e a ira, não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremeça, que recrecem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co' o sangue alheio ; alli perecem
 Alguns dos seus ; que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que como sabio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que em quanto pasto lhe buscára,
O pastor de Massylia lhos furtára:

XXXVII.

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos atroa, e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala.
O' fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!

XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançarão o ultimo suspiro.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
 D'huma nobre vergonha, e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do marcio jogo,
 Porfião : tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo :
 Assi recebem junto, e dão feridas,
 Como a quem já não doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandão ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava :
 O Mestre morre alli de Sant-Iago,
 Que fortissimamente pelejava :
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Galatrava :
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao profundo ;
 Onde o trifauce cão perpetua fome
 Tem das almas que passam deste mundo :
 E porque mais aqui se amanse, e dome
 A soberba do imigo furibundo,
 A sublime bandeira Castelhana
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encrucece ,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas ;
A multidão da gente que perece ,
Tem as flores da propria cor mudadas :
Já as costas dão , e as vidas ; já fallece
O furor, e sobejão as lançadas ;
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê , e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida :
Seguem-no os que ficarão ; e o temor
Lhe dá, não pés , mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte , da fazenda despendida ,
Da magoa , da deshonna , e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Alguns vão maldizendo , e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo ;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubiçoso , e sitibundo ;
Que por tomar o alheio , o miserando
Povo aventura ás penas do profundo ,
Deixando tantas mãis , tantas esposas ,
Sem filhos , sem maridos , desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo, em grande gloria:
 Com offertas depois, e romarias,
 As graças deo a quem lhe deo victoria.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento;
 Porque a terra dos Vandalos fronteira
 Lhe concede o despojo, e o vencimento.
 Já de Sevilha a Betica bandeira,
 E de varios senhores, n'hum momento
 Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
 Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
 Erão os Castelhanos opprimidos;
 Quando a paz, desejada já da gente,
 Derão os vencedores aos vencidos;
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os Reis inimigos por maridos
 A's duas illustrissimas Inglezas,
 Gentis, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Não soffre o peito forte , usado á guerra ,
 Não ter imigo já a quem faça dano ;
 E assi não tendo a quem vencer na terra ,
 Vai commetter as ondas do Oceano.
 Este he o primeiro Rei que se desterra
 Da patria , por fazer que o Africano
 Conheça pelas armas, quanto excede
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta ,
 Abrindo as pandas azas vão ao vento ,
 Para onde Alcides poz a extrema meta.
 O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra ; e segura toda Hespanha
 Da Juliana , má , e desleal manha.

L.

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal , mas os coros soberanos
 Do Ceo supremo quiz que povoasse :
 Mas para defensão dos Lusitanos
 Deixou quem o levou, quem governasse ,
 E augmentasse a terra mais que d' antes ,
 Inclyta geração , altos Infantes.

L I.

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza;
 Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
 Quem vio sempre hum estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste reino, e neste Rei,
 Não usou ella tanto desta lei.

L II.

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
 Que a tão altas emprezas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem que o seu respeita.

L III.

Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida:
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captiveiro eterno se convida:
 Codro, nem Curtio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fora por certo invicto cavalleiro,
Senão quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este pode colher as maçãs de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pode:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na frente a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixarão de diamante
A's Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto achão diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dignas elegante,
Fizerão cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porem depois tocado de ambição,
 E gloria de mandar, amara e bella,
 Vai commetter Fernando de Aragão,
 Sobre o potente reino de Castella.
 Ajunta-se a inimiga multidão
 Das soberbas e varias gentes della,
 Desde Caliz ao alto Pyreneo,
 Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Não quiz ficar nos reinos ocioso
 O mancebo Joanne; e logo ordena
 De ir ajudar o pai ambicioso,
 Que então lhe foi ajuda não pequena.
 Sahio-se em fim do trance perigoso,
 Com fronte não torvada, mas serena,
 Desbaratado o pai sanguinolento:
 Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX.

Porque o filho sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia ficou no campo inteiro.
 Desta arte foi vencido Octaviano,
 E Antonio vencedor, seu companheiro,
 Quando daquelles que Cesar matárão,
 Nos Philippicos campos se vingárão.

LX.

Porem depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Ceo sereno ,
O Principe que o reino então governa ,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna ,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passarão
Hespanha, França, Italia celebrada ;
E lá no illustre porto se embarcárão,
Onde já foi Parthenope enterrada ;
Napoles, onde os fados se mostrarão,
Fazendo-a a varias gentes subjugada ,
Pela illustrar no fim de tantos annos,
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII.

Pêlo mar alto Siculo navegão ;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas ;
E dalli ás ribeiras altas chegão ,
Que com morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regão
Das enchentes Niloticas undosas ;
Sobem á Ethiopia , sobre Egypto ,
Que de Christo lá guarda o santo rito.

LXIII.

Passão também as ondas Erythreas,
 Que o povo de Israel sem não passou;
 Ficão-lhe atraz as terras Nabatheas,
 Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
 As costas odoríferas Sabeas,
 Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
 Cercão, com toda a Arabia descoberta
 Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entrão no estreito Persico, onde dura
 Da confusa Babel inda a memoria:
 Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura,
 Que as fontes onde nascem tem por gloria.
 Dalli vão em demanda da agua pura,
 Que causa inda será de larga historia,
 Do Indo, pelas ondas do Oceano,
 Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV.

Virão gentes incognitas e estranhas,
 Da India, da Carmania, e Gedrosia,
 Vendo varios costumes, varias manhas,
 Que cada região produz e cria.
 Mas de vias tão asperas, tamanhas,
 Tornar-se facilmente não podia:
 Lá morrerão em fim, e lá ficarão;
 Que á desejada patria não tornarão.

LXVI.

Parece que guardava o claro Geo
 A Manoel, e seus merecimentos,
 Esta empreza tão ardua, que o moveo
 A subidos e illustres movimentos:
 Manoel, que a Joanne succedeo
 No reino, e nos altivos pensamentos,
 Logo como tomou do reino cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, (como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficára
 De seus antepassados, cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra cara,
 Não deixasse de ser hum só momento
 Conquistado :) no tempo que a luz clara
 Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
 A repouso convidão quando cahem;

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas são;
 Revolvendo contino no conceito,
 De seu officio, e sangue, a obrigação;
 Os olhos lhe occupou o somno acceito,
 Sem lhe desoccupar o coração;
 Porque tanto que lasso se adormece,
 Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto que tocava á prima esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha, e fera :
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendera,
 Vio de antigos, longinquos, e altos montes,
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
 Pelo monte selvatico habitavão :
 Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
 O passo, e o trato ás gentes atalhavão.
 Estas duras montanhas adversarias,
 De mais conversação, por si mostravão,
 Que desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as rompérão nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahião,
 Por elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos parecião,
 De aspeito, inda que agreste, venerando :
 Das pontas dos cabellos lhe cahião
 Gottas, que o corpo todo vão banhando ;
 A cor da pelle, baça e denegrída ;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprída.

LXXII.

D'ambos de dous a fronte coroada,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha :
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha :
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha ;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Dest' arte para o Rei de longe brada :
O' tu, a cujos reinos, e coroa,
Grande parte do mundo está guardada ;
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nos tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro
Est' outro he o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento têm primeiro,
Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV.

Não disse mais o rio illustre, e santo ;
 Mas ambos desaparecem n' hum momento :
 Acorda Manoel c' hum novo espanto,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeo nisto Phebo o claro mantô,
 Pelo escuro Hemispherio somnolento ;
 Veio a manhãa no ceo pintando as cores
 De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os senhores a conselho,
 E propoem-lhe as figuras da visão ;
 As palavras lhe diz do santo velho,
 Que a todos forão grande admiração.
 Determinão o nautico apparelho,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente que mandar cortando os mares
 A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
 Se pozesse o que o peito me pedia ;
 Que sempre grandes cousas deste geito
 Presago o coração me promettia ;
 Não sei porque razão, porque respeito,
 Ou porque bom signal que em mi se via,
 Me poem o inclyto Rei nas mãos a chave
 Deste commettimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas,
Se alcanção com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vos se deve;
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: O' Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vos, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava;
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava;
Descer em fim ás sombras vâas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vos, ó Rei, o espirito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com merces sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade ;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d' amor, e d' amizade,
Não menos cobiçoso de honra, e fama,
O caro meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor ;
Ambos são de valia, e de conselho,
D' experiencia em armas, e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor ;
Todos de grande esforço ; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Forão de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi forão os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C' hum alvoroço nobre, e c' hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca area,
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo :)
As naos prestes estão : e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,
De varias cores vem, e varias artes ;
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
Ondeão os aerios estandartes :
Ellas promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Aprelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea corte
Sustenta só co' a vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do santo templo,
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo,
 Donde Deos foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida, e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII.

A gente da cidade aquelle dia,
 Huns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver somente, concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós co' a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em tão longo caminho, e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavão;
 As mulheres c' hum choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavão:
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor desconfia, accrescentavão
 A desesperação, e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

X C.

Qual vai dizendo : O' filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro ;
Porque me deixas misera, e mesquinha ?
Porque de mi te vás, ó filho caro ?
A fazer o funero enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento ?

X C I.

Qual em cabelo : O' doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa ;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa ?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa ?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento ?

X C II.

Nestas e outras palavras que dizião
De amor ; e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguião,
Em quem menos esforço poem a idade.
Os montes de mais perto respondião,
Quasi movidos de alta piedade :
A branca area as lagrimas banhavão,
Que em multidão com ellas se igualavão.

XCIII.

Nós outros sem a vista alevantarmos,
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado;
 Que posto que he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV.

Mas hum velho d' aspeito venerando,
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nos os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente;
 A voz pezada hum pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C' hum saber só d' experiencias feito;
 Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atiça
 C' huma aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietação d' alma, e da vida,
Fonte de desamparos, e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de imperios:
Chamão-te illustre, chamão-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamão-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d' algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D' ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu geração daquelle insano,
Cujos peccado, e desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda d' outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Idade d' ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, e d' armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia ;
 Já que á bruta crueza , e feridade ,
 Puzeste nome , esforço , e valentia ;
 Já que prezas em tanta quantidade
 O desprezo da vida , que devia
 De ser sempre estimada , pois que já
 Temeo tanto perdela quem a dá :

C.

Não tens junto comtigo o Ismaelita ,
 Com quem sempre terás guerras sobejas ?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita ,
 Se tu pela de Christo só pelejas ?
 Não tem cidades mil , terra infinita ,
 Se terras , e riqueza mais desejas ?
 Não he elle por armas esforçado ,
 Se queres por victorias ser louvado ?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
 Por ires buscar outro de tão longe ,
 Por quem se despovoe o reino antigo ,
 Se enfraqueça ; e se vá deitando a longe !
 Buscas o incerto , e incognito perigo ,
 Porque a fama te exalte , e te lisonge ,
 Chamando-te senhor , com larga copia ,
 Da India , Persia , Arabia , e de Ethiopia !

CII.

Oh maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas velas poz em secco lenho !
 Digno da eterna pena do profundo ,
 Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
 Nunca juizo algum alto e profundo ,
 Nem cithara sonora , ou vivo engenho ,
 Te dê por isso fama , nem memoria ;
 Mas contigo se acabe o nome , e a gloria !

CIII.

Trouxe o filho de Japeto do ceo
 O fogo , que ajuntou ao peito humano ;
 Fogo , que o mundo em armas accendeo ,
 Em mortes , em deshonras : grande engano !
 Quanto melhor nos fora , Prometheo ;
 E quanto para o mundo menos dano ,
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos , que a movéra !

CIV.

Não commettéra o moço miserando
 O carro alto do pai , nem o ar vazio
 O grande architector , co' o filho , dando
 Hum , nome ao mar , e o outro , fama ao rio ;
 Nenhum commettimento alto , e nefando ,
 Por fogo , ferro , agua , calma , e frio ,
 Deixa intentado a humana geração.
 Misera sorte ! Estranha condição !

OS LUSIADAS.

CANTO QUINTO.

I.

ESTAS sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos :
E como he já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o ceo ferimos,
Dizendo; Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeæo truculento ;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento :
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavão :
Ficava o caro Tejo , e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavão.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavão ;
E já depois que toda se escondeo ,
Não vimos mais em fim que mar, e ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio ,
As novas ilhas vendo , e os novos ares ,
Que o generoso Henrique descobrio :
De Mauritania os montes, e lugares ,
Terra que Antheo n' hum tempo possuio ,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d' outra, mas suspeita.

V.

Passamos a grande ilha da Madeira ,
Que do muito arvoredo assi se chama ;
Das que nós povoamos a primeira ,
Mais celebre por nome , que por fama :
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantájão quantas Venus ama ;
Antes sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro , Gnido , Paphos , e Cythera.

VI.

Deixamos de Massylia a esteril costa,
 Onde seu gado os Azenegues pastão ;
 Gente que as frescas aguas nunca gosta,
 Nem as hervas do campo bem lhe abastão :
 A terra a nenhum fruto emfim disposta,
 Onde as aves no ventre o ferro gastão,
 Padecendo de tudo extrema inopia,
 Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

Passamos o limite aonde chega
 O Sol, que para o Norte os carros guia,
 Onde jazem os povos, a quem nega
 O filho de Clymene a cor do dia.
 Aqui gentes estranhas lava, e rega
 Do negro Sanaga a corrente fria,
 Onde o cabo Arsinario o nome perde,
 Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
 Que tiverão por nome Fortunadas,
 Entramos navegando pelas filhas
 Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas ;
 Terras per onde novas maravilhas
 Andarão vendo já nossas armadas :
 Alli tomamos porto com bom vento,
 Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

A'quella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiró Sant-Iago;
Santo, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixamos
A terra, onde o fresco doce achamos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI.

As Dorçadas passamos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo alli vivião,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se servião.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendião,
Tornada já de todas a mais fea,
De viboras encheste a ardente area!

XII.

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
 No grandissimo golfão nos mettemos,
 Deixando a serra asperrima Leoa,
 Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
 O grande rio, onde batendo soa
 O mar nas praias notas, que alli temos,
 Ficou, co' a ilha illustre que tomou
 O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande reino está de Congo,
 Por nos já convertido á fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro e longo,
 Rio pelos antigos nunca visto.
 Por este largo mar em fim me alongo
 Do conhecido polo de Callisto,
 Tendo o termino ardente já passado,
 Onde o meio do mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante
 Lá no novo hemispherio nova estrella,
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E por falta d'estrellas menos bella,
 Do polo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo;
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contão por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgão por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo
 Que a maritima gente tem por santo,
 Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
 De tempestade escura, e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
 E do vento trazido, rodear-se:
 De aqui levado hum cano ao polo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia:
 Da materia das nuvens parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que hum largo mastro se engrossava
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se co' as ondas ondeando;
 Em cima delle hu' a nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada
 Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co' o sangue alheio a sede ardente:
Chupando mais e mais se engrossa, e cria;
Alli se enche, e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e a nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo em fim voou,
Porque co' a agua a jacente agua molhe:
A's ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejão agora os sabios na escritura,
Que segredos são estes de natura.

XXIII.

Se os antigos philosophos, que andarão
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passarão,
A tão diversos ventos dando as velas;
Que grandes escrituras que deixarão!
Que influição de signos, e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o planeta, que no ceo primeiro
 Habita, cinco vezes apressada,
 Agora meio rosto, agora inteiro
 Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
 Quando da etherea gavea hum marinheiro,
 Prompto co' a vista, Terra, Terra, brada:
 Salta no bordo alvoroçada a gente,
 Co' os olhos no horizonte do Oriente.

XXV.

A' maneira de nuvens se começo
 A descobrir os montes que enxergamos;
 As ancoras pezadas se adereção,
 As velas já chegados amainamos:
 E para que mais certas se conheção
 As partes tão remotas onde estamos,
 Pelo novo instrumento do Astrolabio,
 Invenção de subtil juizo, e sabio:

XXVI.

Desembarcamos logo na espaçosa
 Parte, por onde a gente se espalhou,
 Dé ver cousas estranhas desejosa
 Da terra que outro povo não pizou:
 Porem eu co' os pilotos, na arenosa
 Praia, por vermos em que parte estou,
 Me detenho em tomar do sol a altura,
 E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nos, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da cor da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est' outro leva :
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro ;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se araemessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e outro lhe sahem ; ve-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse ;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem settas, e pedradas
Chovem sobre nos outros sem medida;
E não forão ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levão desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rudo intento
Da gente bestial, bruta, e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então que tanto que passárão
 Aquelle monte, os negros de quem fallo,
 Avante mais passar o não deixárão,
 Querendo, senão torna, alli mata-lo :
 E tornando-se, logo se emboscárão,
 Porque sahindo nós para tomalo,
 Nos podessem mandar ao reino escuro,
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porem já cinco soes erão passados
 Que dalli nos partíramos, cortando
 Os mares nunca d'outrem navegados,
 Prosperamente os ventos assoprando :
 Quando huma noite estando descuidados,
 Na cortadora proa vigiando,
 Huma nuvem, que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Tão temerosa vinha, e carregada,
 Que poz nos corações hum grande medo :
 Bramindo o negro mar, de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
 O' Potestade, disse, sublimada !
 Que ameaço divino, ou que segredo,
 Este clima, e este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece que tormenta ?

XXXIX.

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto osrregado, a barba esqualida:
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepião-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvilo e velo.

XLI.

E disse: O' gente ousada mais que quantas
No mundo commettérão grandes cousas;
Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho,
Nunca arados d'estranho, ou proprio lenho:

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza, e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento:
 Ouve os damnos de mi, que apercebidos
 Estão, a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar, e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe que quantas náos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos, e tormentas desmedidas:
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, senão me engano,
 De quem me descobrio summa vingança;
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas náos vereis cada anno
 (Se he verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

É do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos;
Commigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por grão merce lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado,
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar verão despídos;
Depois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a area ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na fervida e implacabil espessura.
 Alli, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado.
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tem maravillhado.
 A boca, e os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pezada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezára;

L.

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passarão, fui notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

L I.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceanó,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

L I I.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizerão tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

L I I I.

Como fosse impossibil alcançala
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomala,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella c'hum formoso riso honesto,
Respondeo; qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV.

Com tudo por livrarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com que com minha honra escuse o dano;
 Tal resposta me torna a mensageira.
 Eu que cahir não pude neste engano,
 (Que he grande dos amantes a cegueira)
 Encherão-me com grandes abundanças
 O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
 Huma noite de Doris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis unica despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, para aquella que era vida
 Deste corpo, e começo os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c' hum duro monte
 De aspero mato, e de espessura brava:
 Estando c' hum penedo fronte a fronte,
 Que eu pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
 E junto d' hum penedo outro penedo.

LVII.

O' nympha a mais formosa do Oceano ,
Já que minha presença não te agrada ,
Que te custava tér-me neste engano ,
Ou fosse monte , nuvem , sonho , ou nada ?
Daqui me parto irado , e quasi insano
Da magoa , e da deshonra alli passada ,
A buscar outro mundo , onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse .

LVIII.

Erão já neste tempo meus irmãos
Vencidos , e em miseria extrema postos ;
E , por mais segurar-se os deoses vãos ,
Alguns a varios montes sotopostos :
E como contra o ceo não valem mãos ,
Eu que chorando andava meus desgostos ,
Comecei a sentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura ,
Em penedos os ossos se fizerão ;
Estes membros que vês e esta figura ,
Por estas longas aguas se estendêrão :
Em fim , minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertêrão
Os deoses ; e por mais dobradas magoas ,
Me anda Thetis cercando destas agoas .

LX.

Assi contava , e c' hum medonho choro
 Subito d' ante os olhos se apartou ;
 Desfez-se a nuvem negra , e c' hum sonoro
 Bramido , muito longe o mar soou.
 Eu , levantando as mãos ao santo coro
 Dos Anjos , que tão longe nos guiou ,
 A Deos pedi que removesse os duros
 Casos , que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon , e Pyrois vinhão tirando
 Co' os outros dous o carro radiante ,
 Quando a terra alta se nos foi mostrando ,
 Em que foi convertido o grão gigante.
 Ao longo desta costa , começando
 Já de cortar as ondas do Levante ,
 Por ella abaixo hum pouco navegamos ,
 Onde segunda vez terra tomamos.

LXII.

A gente que esta terra possuia ,
 Postoque todos Ethiopes erão ,
 Mais humana no trato parecia ,
 Que os outros , que tão mal nos recebérão.
 Com bailes , e com festas de alegria ,
 Pela praia arenosa a nos viera ;
 As mulheres comsigo , e o manso gado ,
 Que apascentavão , gordo e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
 Dos vagarosos bois , alli sentadas ,
 Animaes que elles tem em mais estima ,
 Que todo o outro gado das manadas :
 Cantigas pastoris , ou prosa , ou rima ,
 Na sua lingua cantão concertadas ,
 Co' o doce som das rusticas avenas ,
 Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

Estes como na vista prazenteiros
 Fossem , humanamente nos tratárão ,
 Trazendo-nos gallinhas , e carneiros ,
 A troco d' outras peças que levárão
 Mas como nunca em fim meus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançárão ,
 Que dêsse algum signal do que buscamos ,
 As velas dando , as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
 A' costa negra de Africa , e tornava
 A proa a demandar o ardente meio
 Do ceo , e o polo Antartico ficava :
 Aquelle ilheo deixamos , onde veio
 Outra armada primeira , que buscava
 O Tormentorio Cabo , e descoberto ,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias ,
Entre tormentas tristes e bonanças ,
No largo mar fazendo novas vias ,
Só conduzidos de arduas esperanças :
Co' o mar hum tempo andamos em porfias ,
Que como tudo nelle são mudanças ,
Corrente nelle achamos tão possante ,
Que passar não deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia ,
Segundo para traz nos obrigava ,
Do mar , que contra nos alli corria ,
Que por nos a do vento que assoprava :
Injuriado Noto da porfia
Em que co' o mar , parece , tanto estava ,
Os assopros esforça iradamente ,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado ,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Forão buscar hum Rei de pouco nado ,
No qual Rei outros tres ha juntamente :
Neste dia outro porto foi tomado
Por nos , da mesma já contada gente ,
N' hum largo rio , ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agua; mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achamos.
 No povo, com nos outros quasi mudo.
 Ora vê, Rei, quamanha terra andamos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova, nem signal,
 Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados;
 Por climas, e por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e máos ao fraco corpo humano,
 E além disso nenhum contentamento,
 Que se quer da esperança fosse engano:
 Crês tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados, não fora Lusitano,
 Que durára elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII.

Crês tu que já não forão levantados
 Contra seu capitão, se os resistira,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente por certo estão provados,
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portugueza alta excellencia
 De lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
 E tornando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pego toda a armada:
 Porque ventando Noto manso e frio,
 Não nos apanhasse a agua da enseada,
 Que a costa faz alli daquella banda,
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme
 Encommendado ao sacro Nicolao,
 Para onde o mar na costa brada e geme,
 A proa inclina d'huma, e d'outra não:
 Quando indo o coração que espera e teme,
 E que tanto fiou d'hum fraco páo,
 Do que esperava já desesperado,
 Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se vião,
N' hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravão, e sabião.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabião
Navegar; porque entr'ellas esperamos
De achar novas algumas, como achamos.

LXXVI.

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavão;
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavão:
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavão;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

Pela Arabica lingua que mal fallão,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por náos que em grandeza igualão
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá donde sahe o Sol, se abalão
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegramos,
 Co'a gente, e com as novas muito mais:
 Pelos signaes que neste rio achamos,
 O nome lhe ficou dos Bons-Signais:
 Hum padrão nesta terra alevantamos;
 Que para assignalar lugares tais
 Trazia alguns; o nome tem do bello
 Guiador de Tobias a Gabelo.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e d'ostrinhos,
 Nojosa criação das aguas fundas,
 Alimpamos as náos, que dos caminhos
 Longos do mar, vem sordidas e immundas.
 Dos hospedes que tinhamos visinhos,
 Com mostras apraziveis e jucundas,
 Houvemos sempre o usado mantimento,
 Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas não foi, da esperança grande e immensa
 Que nesta terra havemos, limpa e pura
 A alegria; mas logo a recompensa
 A Rhamnusia com nova desventura,
 Assi no Ceo sereno se dispensa;
 Com esta condição pezada e dura
 Nascemos; o pezar terá firmeza,
 Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

É foi que doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desempararão
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultarão.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharão
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia c'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava;
Não tínhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava;
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Forão sempre comnosco aventureiros.
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Recebérão de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
 Com maior esperanza, e mór tristeza,
 E pela costa abaixo o mar abrimos,
 Buscando algum signal de mais firmeza:
 Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
 De cuja falsidade, e má vileza,
 Já serás sabedor, e dos enganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandura, e doce tratamento,
 Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
 Nos trouxe, a piedade do alto assento:
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Nova quietação de pensamento
 Nos déste: e ves-aqui, se attento ouviste,
 Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
 Gentes, que taes caminhos commettessem?
 Crês tu que tanto Eneas, e o facundo
 Ulysses, pelo mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo,
 Por mais versos que d'elle se escrevessem,
 Do que eu vi, a poder d'efforço e de arte,
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse que bebo tanto da agua Aonia ,
 Sobre quem tem contenda peregrina ,
 Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia ,
 Athenas, Ios, Argo, e Salamina :
 Ess' outro que esclarece toda a Ausonia ,
 A cuja voz altisona e divina
 Ouvindo, o patrio Mincio se adormece ,
 Mas o Tybre co'o som se ensoberbece :

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevão sempre extremos
 Desses seus semideoses, e encareção ,
 Fingindo magas, Circes, Polyphemos ,
 Sirenas que co'o canto os adormeção :
 Dem-lhe mais navegar á vela e remos
 Os Cicones, e a terra onde se esqueção
 Os companheiros, em gostando o loto ;
 Dem-lhe perder nas aguas o piloto :

LXXXIX.

Ventos soltos lhe finjão e imaginem
 Dos odres, e Calypsos namoradas ,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem,
 Descer ás sombras nuas já passadas :
 Que por muito, e por muito que se affinem
 Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas ,
 A verdade que eu conto nua e pura
 Vence toda grandiloqua escritura.

X C.

Da boca do facundo capitão
 Pendendo estavam todos embebidos,
 Quando deo fim á longa narração
 Dos altos feitos grandes, e subidos.
 Louva o Rei o sublime coração
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
 Da gente louva a antigua fortaleza,
 A lealdade d' animo, e nobreza.

X C I.

Vai recontando o povo, que se admira,
 O caso cada qual que mais notou:
 Nenhum delles da gente os olhos tira,
 Que tão longos camiahos rodeou.
 Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampetia mal guiou,
 Por vir a descansar nos Thetios braços;
 E elRei se vai do mar aos nobres paços.

X C II.

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados
 Qualquer nobre trabalha, que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes já passados.
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem valerosas obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta, e incita.

XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Miltiades famosos,
Themistocles despertão só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima, e ama
Com dons, merces, favores, e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI.

Vai Cesar subjugando toda França,
 E as armas não lhe impedem a sciencia;
 Mas n'humã mão a penna, e n'outra a lança,
 Igualava de Cicero a eloquencia:
 O que de Scipião se sabe, e alcança,
 He nas comedias grande experiencia:
 Lia Alexandro a Homero de maneira,
 Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim não houve forte capitão,
 Que não fosse tambem douto, e sciente,
 Da Latia, Grege, ou barbara nação,
 Senão da Portugueza tamsomente.
 Sem vergonha o não digo, que a razão
 D'algum não ser por versos excellente,
 He não se ver prezado o verso, e rima,
 Porque quem não sabe a arte, não a estima.

XCVIII.

Por isso, e não por falta de natura,
 Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
 Nem haverá, se este costume dura,
 Pios Eneas, nem Achilles feros.
 Mas o peor de tudo he, que a ventura
 Tão asperos os fez, e tão austeros,
 Tão rudos, e de engenho tão remisso,
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

A's Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama,
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

c.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o presuppuesto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porem não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.



OS LUSIADAS.

CANTO SEXTO.

I.

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possantes:
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não o fez visinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho?

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias,
A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegre, e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes, e pescados.

III.

Mas vendo o Capitão que se detinha
 Já mais do que devia, e o fresco vento
 O convida que parta, e tome asinha
 Os pilotos da terra, e mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito para cortar do salso argento;
 Já do Pagão benigno se despede,
 Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas frotas visitado;
 Que nenhum outro bem maior deseja,
 Que dar a taes Barões seu reino e estado:
 E que em quanto seu corpo o espirito reja,
 Estará de continuo apparelhado
 A pôr a vida, e reino totalmente,
 Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V.

Outras palavras taes lhe respondia
 O Capitão, e logo as velas dando,
 Para as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha já que vai buscando.
 No piloto que leva não havia
 Falsidade, mas antes vai mostrando
 A navegação certa, e assi caminha
 Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavão do Oriente
 Já nos mares da India, e enxergavão
 Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
 Já quasi seus desejos se acabavão.
 Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
 As venturas, que então se apparelhavão
 A' gente Lusitana, dellas dina,
 Arde, morre, blasphema, e desatina.

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma;
 Não o pode estorvar, que destinado
 Está d'outro poder que tudo doma.
 Do Olympo desce em fim desesperado,
 Novo remedio em terra busca, e toma;
 Entra no humido reino, e vai-se á corte
 Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas, onde o mar se esconde,
 Lá donde as ondas sahem furibundas,
 Quando ás iras do vento o mar responde,
 Neptuno mora, e morão as jucundas
 Nereidas, e outros deoses do mar, onde
 As aguas campo deixão ás cidades,
 Que habitão estas humidas deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas alli de prata fina ;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina :
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê , se diamante ,
Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d'ouro fino , e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace ,
De esculptura formosa estão lavradas ,
Na qual do irado Baccho a vista paccê :
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face ;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima ,
Que em nenhuma materia se sustinha ;
Daqui as cousas vivas sempre anima ,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar , que mais asinha
Tomou lugar , e nem por quente , ou frio ,
Algun deixa no mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes revestida
 De verdes hervas, e arvores floridas,
 Dando pasto diverso, e dando vida
 A's alimarias nella produzidas.
 A clara forma alli estava esculpida
 Das Aguas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
 Que tiverão os deoses co'os gigantes;
 Está Typheo debaixo da alta serra
 De Ethna, que as flammal lança crepitanes:
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,
 Delle o cavallo houverão, e a primeira
 De Minerva pacifica oliveira.

XIV.

Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na vista destas cousas, mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando;
 A's portas o recebe, acompanhado
 Das nymphas, que se estão maravillhando,
 De ver que commettendo tal caminho,
 Entre no reino d'agua o rei do vinho.

XV.

O' Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitão d'huma e d'outra banda:
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos erão
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pentem conhecérão:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se gerão,
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nu, e os membros genitais,
 Por não ter ao nadar impedimento,
 Mas porem de pequenos animais
 Do mar, todos cobertos cento e cento;
 Camarões, e cangrejos, e outros mais
 Que recebem de Phebo crescimento;
 Ostras, e breguigões do musco sujos,
 As costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
 Que trazia com força já tocava;
 A voz grande canora foi ouyida
 Por todo o mar, que longe retumbava.
 Já toda a companhia apercebida
 Dos deoses para os paços caminhava
 Do deos, que fez os muros de Dardania,
 Destruídos depois da Grega insania.

XX.

Vinha o padre Oceano acompanhado
 Dos filhos, e das filhas que gerára;
 Vem Nereo, que com Doris foi casado,
 Que todo o mar de nymphas povoára;
 O propheta Proteo deixando o gado
 Maritimo pascer pela agua amara,
 Alli veio tambem; mas já sabia
 O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa,
 De Neptuno, de Cælo, e Vesta filha,
 Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
 Que se amansava o mar de maravilha;
 Vestida huma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo crystallino deixa ver-se;
 Que tanto bem não he para esconder-se:

XXII.

Amphitrite, formosa como as flores,
 Neste caso não quiz que fallecesse;
 O Delphim traz consigo, que aos amores
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
 Co'os olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
 Ambas vem pela mão; igual partido;
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

XXIII.

Aquella, que das furias de Athamante
 Fugindo, veio a ter divino estado,
 Comsigo traz o filho, bello infante,
 No numero dos deoses relatado:
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria; e ás vezes pela areia
 No collo o toma a bella Panopea.

XXIV.

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa,
 Inda vinha chorando o feo engano
 Que Circé tinha usado co'a formosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado,
 Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
 Na grande sala, nobre e divinal;
 As deosas em riquissimos estrados,
 Os deoses em cadeiras de crystal;
 Forão todos do Padre agasalhados,
 Que co'o Thebano tinha assento igual:
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
 Dos deoses, e de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Hum pouco carregando se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
 D'hum polo ao outro polo o mar irado;
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas
 Que não passem o termo limitado:
 E tu, padre Oceano, que rodeas
 O mundo universal, e o tens cercado,
 E com justo decreto assi permittes
 Que dentro vivão só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra, e ande:
 Que descuido foi este em que viveis?
 Quem pode ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX.

Vistes que com grandissima ousadia
 Forão já commetter o ceo supremo;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela, e remo:
 Vistes; e ainda vemos cada dia,
 Soberbas, e inscencias taes, que temo
 Que do mar e do ceo, em poucos annos,
 Venhão deoses a ser, e nós humanos.

XXX.

Vedes agora a fraca geração
 Que d'hum vassallo meu o nome toma,
 Com soberbo, e altivo coração,
 A vos, e a mi, e o mundo todo doma:
 Vedes, o vosso mar cortando vão,
 Mais do que fez a gente alta de Roma:
 Vedes, o vosso reino devassando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

XXXI.

Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
 No vosso reino este caminho abrirão,
 Boreas injuriado, e o companheiro
 Aquilo, e os outros todos resistirão;
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria assi sentirão,
 Vós, a quem mais compete esta vingança,
 Que esperais? Porque a pondeis em tardança.

XXXII.

E não consinto, deoses, que cuideis
 Que por amor de vos do ceo descí,
 Nem da magoa da injuria que soffreis,
 Mas da que se me faz tambem a mi:
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no mundo ganhei, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinão,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca determinão
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinão
O mal também a deoses, que a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olympto já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quer dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV.

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandão já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Proteo
 Dizer neste negocio o que sentia;
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era alguma profunda prophecia:
 Porem tanto o tumulto se moveo
 Subito na divina companhia,
 Que Tethys indignada lhe bradou;
 « Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII.

Já lá o soberbo Hippotades soltava
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os Barões audaces, e animosos.
 Subito o ceo sereno se obumbrava,
 Que os ventos mais que nunca impetuosos
 Começão novas forças a ir tomando,
 Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a leda lassa frota
 Com vento socegado proseguia
 Pelo tranquillo mar a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo hemispherio está remota;
 Os do quarto da prima se deitavão,
 Para o segundo os outros despertavão,

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos
 Bocejando a miude se encostavão
 Pelas antennas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares que assopravão:
 Os olhos contra seu querer abertos
 Mas estregando, os membros estiravão:
 Remedios contra o somno buscar querem,
 Historias contão, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he tão pezado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o somno carregado?
 Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 Que contos poderemos ter melhores
 Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra fervida, e robusta,
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XIIII.

Consentem nisto todos, e encommendão
 A Velloso, que conte isto que approva.
 Contarei, disse, sem que me reprimão
 De contar cousa fabulosa, ou nova:
 E porque os que me ouvirem daqui aprendão
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos nascidos direi na nossa terra;
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

XIII.

No tempo que do reino a redea leve
 João, filho de Pedro, moderava;
 Depois que socegado e livre o teve
 Do visinho poder que o molestava;
 Lá na grande Inglaterra, que da neve
 Boreal sempre abunda, semeava
 A fera Erinny's dura e má cizania,
 Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
 E nobres cortezãos, acaso hum dia
 Se levantou Discórdia em ira accesa,
 Ou foi opinião, ou foi porfia.
 Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
 Soltar palavras graves de ousadia,
 Dizem que provarão, que honras e famas
 Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV.

E que se houver alguém com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que ellés em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte cruã.
A femínil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Geo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

Era este Inglez potente, e militára
Co'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella:
Não menos nesta terra experimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que socorrer-lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz: Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras Iberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderião, se não erro,
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vos lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas, e polidas,
 De vosso agravo os fação sabedores.
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras d'affagos, e d'amores,
 Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
 Que allí tereis soccorro, e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
 E logo lhe nomea doze fortes ;
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sobre elles lancem sortes ;
 Que ellas só doze são : e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes,
 Cada huma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

L I.

Já chega a Portugal o mensageiro ;
Toda a corte alvoroça a novidade :
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade ;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

L II.

Lá na leal cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

L III.

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que escolhidos por sentença
Forão do Duque Inglez experimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esferçado ;
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia ;

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
 Varias gentes, e leis, e varias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

L V.

E quando caso for, que eu impedido
 Por quem das cousas he ultima linha,
 Não for comvosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mi fareis o que he devido;
 Mas se a verdade o espirito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI.

Assi diz; e abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte:
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Lugares, que ganhára o patrio Marte;
 Navarra, co'os altissimos perigos
 Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
 Vistas em fim de França as cousas grandes,
 No grande imperio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado; ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortão do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias:
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos, e animados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinhamo segurado:
Armão-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portuguezes:
Vestem-se ellas de cores, e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro, nesta empreza:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Será e negocio assi na corte Ingleza,
Que as damas vencedoras se conheção,
Postoque dous e tres dos seus falleção.

LX.

Já n'hum sublime, e publico theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a corte:
 Estavão tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
 De força, esforço, e d'animo mais forte,
 Outros doze sahir como os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigão os cavallos escumando
 Os aureos freos com feroz sembrante:
 Estava o Sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
 Partido desigual, e dissonante,
 Dos onze contra os doze: quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Virão todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboiço:
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:
 Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
 Para os onze, que este era o grão Magriço;
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegre, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma:
Picão d'esporas, largão redeas logo,
Abaixão lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alyoroça, e teme:
Qual do cavallo voa, que não desce;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

Algun dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres, já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão já que arnez, escudo, e malha.

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos,
 Máos do tempo, com fabulas sonhadas:
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas e affamadas,
 Co'os nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas e alegria:
 Cozinheiros occupa, e caçadores,
 Das damas a formosa companhia;
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar á doce, e cara terra.

LXVIII.

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde hum serviço
 Notavel á Condessa fez de Frandes:
 E como quem não era já noviço
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Francez mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C'hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companhia
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento;
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca, acordão despertando
Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

Não erão os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella:
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela!
Não esperão os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedacos a fazem, c'hum ruido
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos nisto a gente,
 Com subito temor, e desacordo,
 Que no romper da vela, a não pendente
 Toma grão somma d'agua pelo bordo.
 Alija disse o mestre rijamente,
 Alija tudo ao mar, não cessando:
 Vão outros dar á bomba, não cessando:
 «A bomba, que nos imos alagando.»

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, e tanto que chegarão,
 Os balanços que os mares temerosos
 Derão á não, n'hum bordo os derribarão:
 Tres marinheiros duros, e forçosos,
 A manear o leme não bastarão;
 Talhas lhe punhão d'huma e d'outra parte,
 Se aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV.

Os ventos erão taes, que não puderão
 Mostrar mais força d'impeto cruel,
 Se para derribar então vierão
 A fortissima torre de Babel:
 Nos altissimos mares, que crescerão,
 A pequena grandura d'hum batel
 Mostra a possante não, que move espanto,
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A náo grande em que vai Paulo da Gama
 Quebrado leva o mastro pelo meio,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a náo de Coelho, com receio,
 Com quanto teve o mestre tanto tento,
 Que primeiro amainou, que dêsse o vento,

LXXVI.

Agora sobre as nuvens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo:
 Agora a ver parece que descião
 A's intimas entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo:
 A noite negra, e fea, se allumia
 Co' os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantárão,
 Lembrando-se de seu passado pranto,
 Que as furiosas aguas lhe causarão.
 Os delphins namorados entretanto
 Lá nas covas maritimas entrárão,
 Fugindo á tempestade, e ventos duros,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
 Contra a fera soberba dos gigantes
 O grão ferreiro sordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes :
 Nem tanto o grão Tonante arremeçou
 Relampagos ao mundo fulminantes,
 No grão diluvio, donde sós viverão
 Os dous, que em gente as pedras convertêrão.

LXXIX.

Quantos montes então que derribárão
 As ondas que batião denodadas !
 Quantas arvores velhas arrancárão
 Do vento bravo as furiás indignadas !
 As forçosas raizes não cuidárão
 Que nunca para o ceo fossem viradas ;
 Nem as fundas areas que podessem
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
 Do fim de seu desejo se perdia ;
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,
 Ora com nova furia ao ceo subia ;
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio santo, e forte,
 Que o impossibil pode, desta sorte :

LXXXI.

Divina Guarda , angelica , celeste ,
Que os ceos , o mar , e terra senhoreas ;
Tu , que a todo Israel refugio déste ,
Por metade das aguas Erythreas :
Tu , que livraste Paulo , e defendeste
Das syrtes arenosas , e ondas feas ,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
D'outro Scylla , e Charybdis já passados ,
Outras syrtes , e baixos arenosos ,
Outros Ácroceraunios infamados :
No fim de tantos casos trabalhosos ,
Porque somos de ti desamparados ,
Se este nosso trabalho não te offende ,
Mas antes teu serviço só pretende ?

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderão
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer , em quanto fortes sostiverão
A santa Fé , nas terras Mauritanas :
De quem feitos illustres se soberão ,
De quem ficão memorias soberanas ,
De quem se ganha a vida com perdela ,
Doce fazendo a morte as honras della !

LXXXIV.

Assi dizendo, os ventos que lutavão,
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta accrescentavão,
 Pela miuda enxarcia assoviando:
 Relampagos medonhos não cessavão,
 Feros trovões, que vem representando
 Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
 Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
 Diante do Sol claro, no horizonte
 Mensageira do dia, e visitava
 A terra e o largo mar, com leda fronte:
 A deosa que nos ceos a governava,
 De quem foge o ensifero Oriente,
 Tanto que o mar, e a cara armada vira,
 Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras de Baccho são por certo,
 Disse; mas não será que avante leve
 Tão damnada tenção, que descoberto
 Me será sempre o mal a que se atreve:
 Isto dizendo, desce ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breve,
 Em quanto manda as nymphas amorosas,
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores,
 Sobre cabellos louros á porfia.
 Quem não dirá, nascem roxas flores
 Sobre ouro natural, que amor enfia?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
 Que mais formosas vinhão que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi, porque tanto que chegarão
 A' vista delles, logo lhe fallecem
 As forças com que d'antes pelejarão,
 E já como rendidos lhe obedecem:
 Os pés, e mãos parece que lhe atárão
 Os cabellos que os raios escurecem.
 A Boreas, que do peito mais queria,
 Assi disse a bellissima Orithya:

LXXXIX.

Não creas, fero Boreas, que te creio,
 Que me tiveste nunca amor constante;
 Que brandura he de amor mais certo arreio,
 E não convem furor a firme amante:
 Se já não poens a tanta insania freio,
 Não esperes de mi daqui em diante,
 Que possa mais amar-te, mas temer-te,
 Que amor contigo em medo se converte.

XC.

Assi mesmo a formosa Galatea
 Dizia ao fero Noto, que bem sabe
 Que dias ha que em vela se recrea,
 E bem crê que com elle tudo acabe.
 Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
 Que o coração no peito lhe não cabe ;
 De contente de ver que a dama o manda,
 Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI.

Desta maneira as outras amansavão
 Subitamente os outros amadores ;
 E logo á linda Venus se entrevagão,
 Amansadas as iras, e os furores :
 Ella lhe prometteo, vendo que amavão,
 Sempiterno favor em seus amores,
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
 De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Já a manhã clara dava nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gavea os marinheiros
 Enxergárão terra alta pela proa.
 Já fóra de tormenta, e dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito voa ;
 Disse alegre o Piloto Melindano,
 « Terra he de Calecut, » se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que apparece ;
E se do mundo mais não desejais ,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais
De ledó em ver que a terra se conhece ;
Os gíolhos no chão, as mãos ao ceo,
A merce grande a Deos agradeceo.

XCIV.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava ;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcanção os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e graos maiores :
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores ;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.

XCVI.

Não co'os manjares novos e exquisitos,
 Não co'os passeios molles e ociosos,
 Não co'os varios deleites e infinitos,
 Que affeminão os peitos generosos;
 Não co'os nunca vencidos appetitos,
 Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não soffre a nenhum, que o passo mude
 Para alguma obra heroica de virtude:

XCVII.

Mas com buscar co'o seu forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas;
 Vigianço, e vestindo o forjado aço,
 Soffrendo tempestades, e ondas cruas;
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
 Engolindo o corrupto mantimento,
 Temperado e'hum arduo soffrimento.

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, ledó, inteiro,
 Para o pelouro ardente, que assovia,
 E leva a perna ou braço ao' companheiro.
 Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
 Desprezador das honras, e dinheiro;
 Das honras, e dinheiro, que a ventura
 Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte, se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embarçado;
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.



CATALOGO

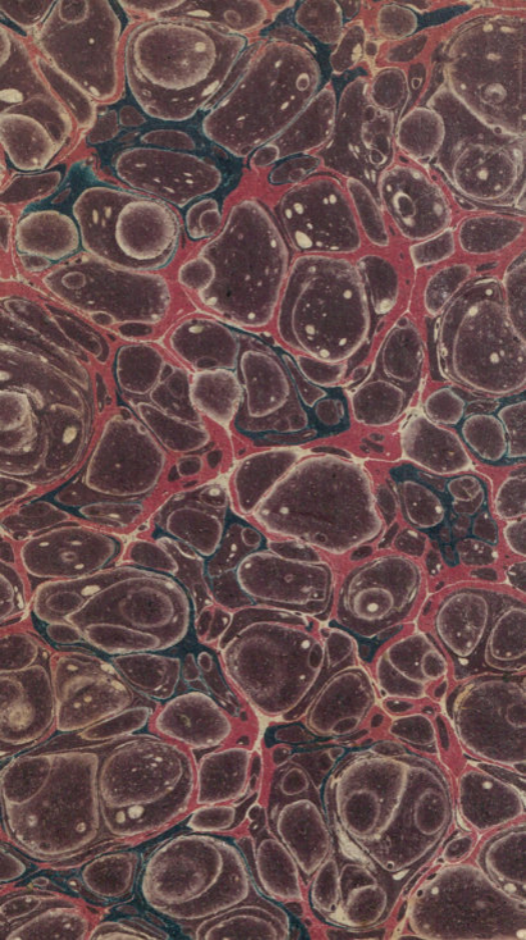
*De alguns livros Portuguezes que se vendem
em casa de P. C. DALBIN e C.^a, no Rio
de Janeiro.*

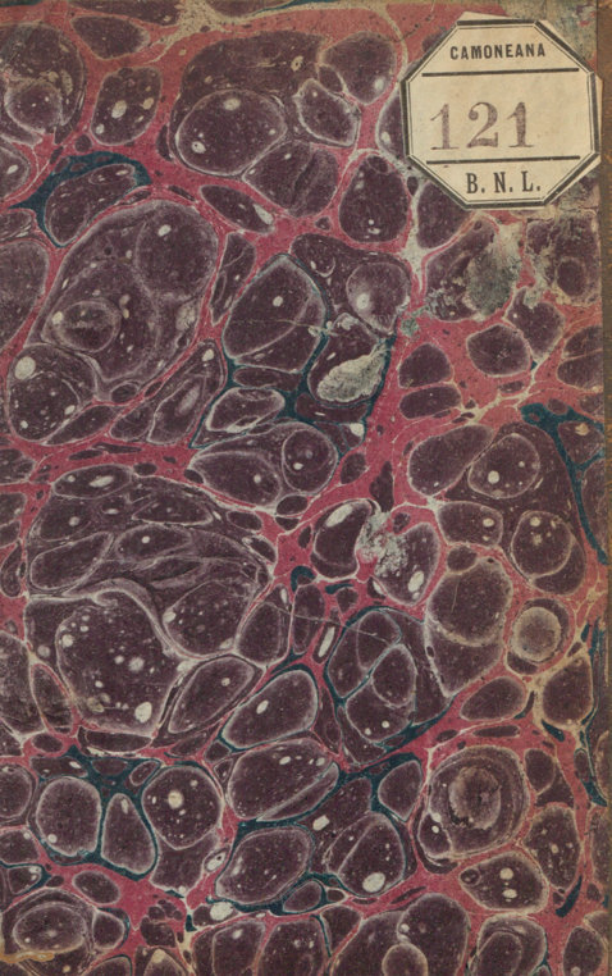
- VIDA DE D. JOÃO DE CASTRO, quarto Viso-
rei da India, escrita por *Jacinto Freire de
Andrada*. Nova edição, 1818, 1 vol. em
12, com retrato. * 1040
- PAULO E VIRGINIA, por *Bernardim de Saint-
Pierre*, 1818, 1 vol. em 18. 560
- ATALA, ou os Amores de dous Salvagens no
deserto, pelo *Visconde de Chateaubriand*.
1818, 1 vol. em 18. 480
- IMITAÇÃO DE CHRISTO, nova edição, revista
e emendada, 1819, 1 vol. em 18, com es-
tampas finas. 880
- HISTORIA DE GIL BRAZ DE SANTILHANA, por
Lesage. Nova edição revista e emendada.
1819, 4 vol. em 12, com estampas finas.
3520
- COLLEÇÃO DE PEDAÇOS EM PROSA, extrahi-
dos dos melhores autores francezes e por-
tuguezes, em portuguez e francez, por
G. Hamonière. 1817, 1 vol. em 12. 720
- A NOVA GUIA DA CONVERSAÇÃO EM FRAN-
CEZ E PORTUGUEZ, com huma taboa com-
parativa das moedas, pesos e medidas de

* NOTA.—Todos os Livros deste Catalogo são muito
bem encadernados á franceza com filetes de ouro.

- França, de Portugal e do Brazil, por *G. Hamonière*. 1817, 1 vol. em 16. 640
- NOVO ALFABETO PORTUGUEZ, dividido por syllabas, com os primeiros elementos da doutrina Christãa, o methodo de ouvir e ajudar á missa, e huma preparação pela confissão e a communhão. 1818, 1 vol. em 18. 320
- GRAMMATICA FRANCEZA, seguida de hum tratado de versificação, e de muitos extractos em prosa e em verso escolhidos nos melhores autores francezes, por *G. Hamonière*. 1820, 1 vol. em 12. 1000
- BELIZARIO, por *Marmontel*. 1820, 1 vol. em 18. 560
- ORDEM DA SANTA MISSA, em latim e portuguez, juntamente com o officio de N. Senhora para todos os tempos do anno; o officio do Domingo a vespervas e completas; os sete psalms penitenciaes; as ladainhas do santo nome de Jesus, de N. Senhora, e dos Santos; o exercicio quotidiano, e algumas orações para antes e depois da sagrada communhão. 1820, 1 vol. em 18, com huma estampa fina. 560
- NOVELAS ESCOLHIDAS, de diversos autores. 1820, 2 vol. em 18. 1120
- OS LUSIADAS do grande *Luiz de Camões*, nova edição, 1820, 2 vol. em 18, com o retrato do autor. 1280
- GRAMMAIRE PORTUGAISE, suivie d'un cours de thèmes, d'un choix de morceaux en prose, et d'un traité de versification, par *G. Hamonière*. 1820, 1 vol. em 12. 1440







CAMONEANA

121

B. N. L.

